

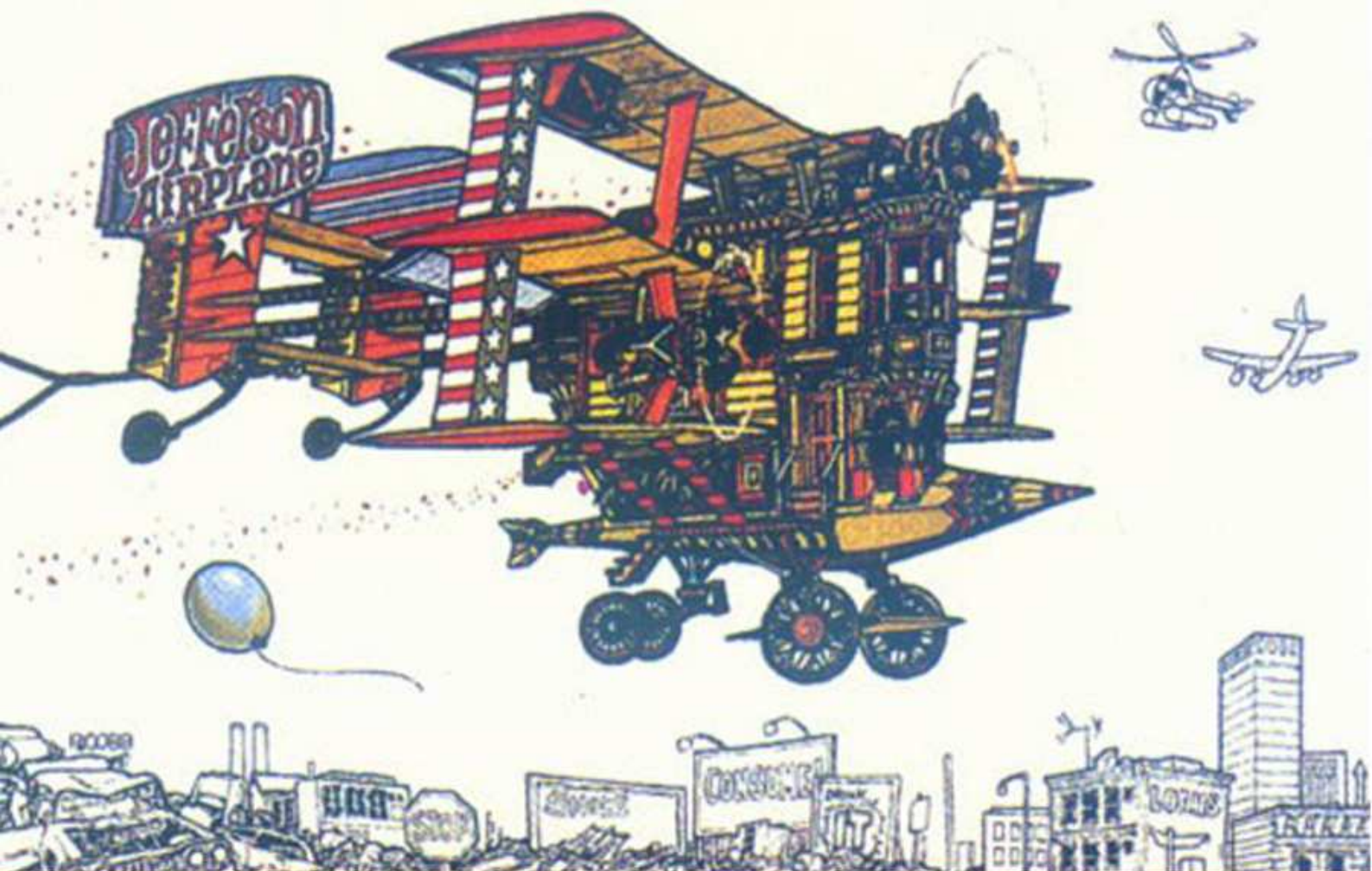
AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

BRÁULIO SEVERINO FERREIRA



A "AMERICANIZAÇÃO" DA MÚSICA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1970

**UBERLÂNDIA
2003**

BRÁULIO SEVERINO FERREIRA

**A “AMERICANIZAÇÃO” DA MÚSICA BRASILEIRA NA
DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia, como exigência
para Obtenção do título de bacharel em
História, sob a orientação do Prof. Dr.
Newton Dângelo.

**UBERLÂNDIA
2003**

Ferreira, Bráulio Severino, 1975

A “Americanização” da música brasileira na década de 1970

Bráulio Severino Ferreira - Uberlândia - 2003

62 fl

Orientador: Prof. Dr. Newton Dângelo

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia

Inclui Bibliografia

1. Influência estrangeira – 2. Música – 3. Rock.

BRÁULIO SEVERINO FERREIRA

**A “AMERICANIZAÇÃO” DA MÚSICA BRASILEIRA NA
DÉCADA DE 1970**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Newton Dângelo - Orientador

Prof. Dr. José Carlos Gomes da Silva

Prof. Ms. Hermilson Garcia do Nascimento

Dedico esta Monografia à minha mãe D. Ângela, ao meu irmão Brenno e Sr. Nilton Spíndola. Pois sempre estiveram comigo me dando apoio nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Newton Dângelo, pela paciência que teve comigo. Ao João Batista da Coordenação e aos meus amigos: Nefetali, Waltair, Célio, Márcio Fagundes, Odivaldo e a turma de Araguari, José Reinaldo e Renato. Aos entrevistados Walter Pereira Mendonça, Marli Kakoï, José Divino de Moura e Paulo César da Cruz.

RESUMO

A minha pesquisa é sobre a influência americana na nossa música. Como foi que aos poucos ela foi se incorporando no nosso cotidiano, chegando a influenciar alguns cantores na década de 1970 que passaram a gravar em inglês. Assim sendo, para a minha pesquisa resolvi falar sobre o rock, que foi o gênero dominante a partir da metade do século XX. Para tanto a minha pesquisa foi dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo analiso a trajetória do rock desde o seu começo até a sua supremacia no final dos anos 60, e como a Indústria Cultural utilizou-se dele para vender os seus produtos.

No segundo analiso a trajetória do rock no Brasil, e a sua influência, nos diversos movimentos musicais brasileiros como: Jovem Guarda e Tropicália. Além dos cantores dos anos 70, que gravaram em inglês.

No terceiro capítulo, analiso essa influência em Uberlândia nas décadas de 1960 e 70. Através dos bailes, boates os discos mais vendidos e os programas de Rádio da época.

Sumário

Introdução	07
Capítulo 1: ROCK O GÊNERO QUE MUDOU O MUNDO.....	11
1.1: A INFLUÊNCIA DO ROCK	12
Capítulo 2: A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	23
2.1: A INFLUÊNCIA DOS RITMOS	24
2.2: PRIMÓRDIOS DO ROCK NO BRASIL	25
2.3: JOVEM GUARDA	26
2.4: TROPICÁLIA	29
2.5: EU TE AMO MEU BRASIL	34
2.6: BALADAS ROMÂNTICAS EM INGLÊS	39
Capítulo 3: MÚSICA EM UBERLÂNDIA NOS ANOS 60 e 70	46
3.1: OS BAILES E BRINCADEIRAS	47
3.2: AS BOATES	49
3.3: DISCOS	49
3.4: PROGRAMAS DE RÁDIO	58
Conclusão	60
Bibliografia	62

INTRODUÇÃO

Desde o início do curso de História, eu estava querendo trabalhar com um tema sobre a cultura de massas e a Indústria Cultural. A princípio cogitei trabalhar os quadrinhos como meio de comunicação de massas, e a influência dos roteiristas ingleses: Alan Moore¹, e Grant Morrison² e a forma poética e adulta que trabalham os quadrinhos. Mas, acabei abandonando o projeto por achar que não era ainda o momento apropriado para trabalhá-lo.

A escolha “americanização” da música brasileira ocorreu de forma interessante. Durante uma visita de rotina que faço sempre ao meu compadre Francisco comecei a ouvir uma música que me era familiar. Era “She made my cry” do Pholhas. Perguntei a ele onde tinha conseguido a música e ele me disse que fazia parte de uma coleção dos anos 70 com músicas que fizeram muito sucesso na época. Mas, o que me chamou a atenção é que, ao ler o encarte, constatei que se tratavam de músicos brasileiros que cantavam em inglês. O nome da coleção era “Hits again”.³ Nomes populares como: Fábio júnior, Jessé e outros, que como eles seguiram a carreira cantando em português, eram nomes certos desta onda, além de outros menos conhecidos que acabaram ficando no ostracismo, após o fim deste modismo.

Movido pela curiosidade, comecei a coletar dados sobre a época, o que me fez descobrir ser relativamente comum alguns cantores lançarem músicas em inglês e essa aceitação, por incrível que pareça, também ocorria de forma natural entre os jovens da década de 70. Para minha surpresa nunca tinha me tocado a respeito dessa “americanização” ocorrida nos anos 70. Essa “americanização” fez muito sucesso, principalmente em bailes nos anos 70, onde tais músicas eram difundidas, além das

¹ Roteirista inglês que produziu algumas obras temas adultos aos quadrinhos de super heróis. Entre seus trabalhos destaco: Watchmen obra que discute como seria se os heróis existissem no mundo real e as consequências apocalípticas que provocariam. É considerada a mais importante obra dos quadrinhos. Foi lançada a 1ª edição pela a Editora Abril em novembro de 1988. A segunda foi lançada em fevereiro de 1999. Além desta obra ele trabalhou em outras como: V de Vingança, Monstro do Pântano, Para o homem que tem tudo, Batman: A piada mortal entre outras.

² Grant Morrison é escocês e também roteirizou grandes obras como: Os Invisíveis, Patrulha do Destino: saindo dos escombros, Homem-Animal, entre outras. O seu trabalho consiste em usar a metalinguagem muitas vezes confrontando o autor com o personagem. É especialista em criticar a arte, e os meios de comunicação em massa que alienam as pessoas. A sua obra prima é Os invisíveis, onde ele trabalha com teorias de conspiração e mensagens subliminares. Seus personagens são anarquistas que combatem esses conspiradores.

³ Coleção lançada pela Globodisk em 2000, onde reunia os maiores sucessos desses cantores na época, década de 1970.

rádios e outros meios de comunicação, o que vem de encontro com a minha idéia inicial de trabalhar com a comunicação em massa.

Veio me ocorrer depois, que essa “americanização” vem desde o começo da década de 1960 com o surgimento do rock. Desde o momento em que o rock desembarcou no Brasil, esse gênero musical começou a modificar o modo de agir e pensar da juventude brasileira.

A música popular brasileira é, sem dúvida nenhuma, um patrimônio nacional. Só que por mais que se ressalte essa “brasilidade” pura, a nossa música ainda é alvo de modismos e da influência de outros estilos que a deixa com um aspecto estranho. Vale ressaltar que a indústria cultural também é responsável por esses modismos (americanização) já que é muito mais fácil ingressar no mercado fonográfico com um rótulo americano. Outro fato que me ajudou bastante no trabalho com o tema é o fato de ter feito um seminário que tinha o mesmo título da minha monografia na disciplina de Estudos Alternativos em História Contemporânea, com o Prof. Newton Dângelo onde trabalhei com a influência estrangeira, desde o começo do século XX até meados da década de 1970, e discuti também a respeito de versões de músicas que ao serem adaptadas faziam muito sucesso por aqui, aumentando ainda mais o mercado fonográfico para este estilo musical no Brasil.

Também procuro em minha monografia retratar como essa influência estrangeira ocorreu em Uberlândia e como os meios de divulgação como: programas de rádio, boates e bailes onde essa música era disseminada. Para compreender melhor não só em nível de Uberlândia, mas também nacional, utilizei diversas fontes de pesquisa. Nestas pesquisas trabalhei com discos, fitas, CDs, e principalmente com letras de algumas músicas que achei interessante para a pesquisa. Cito neste trabalho alguns grupos ou cantores que talvez muitos não conheçam, mas, que tiveram importância para o rock e seus subgêneros.

Trabalhei também com o texto do Adorno: “Sobre musica popular”,⁴ em que ele discute a qualidade musical e seus diversos níveis de entendimento e de que forma essa música é utilizada pela Indústria Cultural e como ela é absorvida pelas massas através da standardização dos “hits”.

⁴ ADORNO, T. W. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986

Outro autor que utilizei como base da minha pesquisa foi Umberto Eco⁵ e o seu texto “Cultura de massa e níveis de cultura” onde ele discute o conceito de “mass média” e a sua influência sobre a cultura de massa e como ela é incorporada de modo homogêneo às massas.

Na parte de Uberlândia, trabalhei com entrevistas de pessoas que viveram e presenciaram os fatos ocorridos nas décadas de 1960/70. Pessoas “anônimas” como: Paulo César da Cruz, fã de Roberto Carlos, Marli Kakoi e José Divino de Moura, que eram freqüentadores dos bailes “caseiros”. Além dessas pessoas entrevistei também Walter Pereira Mendonça, o “Valtinho da Discolândia”, proprietário de loja de disco desde 1965.

Também procurei entrevistar outras pessoas que presenciaram esta época e certamente contribuiriam muito mais para a minha pesquisa como: o Sr. Antonio Pereira, Colecionador/Historiador da música e Maurício Miguel de Freitas, comerciante, ex-puxador de Escolas de samba e organizador de bailes e rodas de samba na Vila Saraiva nos anos 70. Mas, infelizmente, devido a falta de tempo deles por estarem com a agenda ocupada e também devido ao prazo de entrega da monografia, não pude entrevistá-los.

Porém não vou fugir das minhas responsabilidades como Historiador já que com exceção de Walter Pereira Mendonça, que contribuiu com informações e dados mais precisos, eu trabalhei com pouca informação concreta, já que os demais entrevistados lembravam de músicas, do funcionamento da sistemática dos bailes e boates, mas, devido à falta de memória ou confusão com uma ou outra determinada informação em que, não sabiam apontar com precisão fatos ou detalhes de meu interesse. Além dos livros, entrevistas e letras de músicas, optei também trabalhar com ilustrações de fotos e capas de discos no intuito de enriquecer minha pesquisa para que o texto e a ilustração pudessem complementar um ao outro.

Para um melhor estudo dessa “americanização”, a pesquisa foi dividida em três partes: No primeiro capítulo, faço uma análise do surgimento do rock e como desde o seu princípio até a sua consolidação como gênero musical dominante no final dos anos 60. Os seus pioneiros, (Elvis Presley, Bill Halley) e os grupos que revolucionaram o mercado musical como os Beatles. Analiso também, como a Indústria Cultural utiliza

⁵ ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976

o mercado consumidor para vender o rock e, sua utilização como meio de conscientização dos jovens a partir dos anos 60.

No segundo capítulo, analiso o nascimento do rock no Brasil. Os pioneiros como: Celly Campelo, o nascimento da Jovem Guarda, que por consequência o nascimento de um mercado consumidor no país. A Tropicália e seus intérpretes, o começo dos anos 70 e a ditadura militar.

Neste mesmo capítulo faço uma análise sobre os cantores brasileiros que faziam sucesso em inglês como: Morris Albert, Christian e também como o mercado absorvia este tipo de música.

No terceiro capítulo, analiso os bailes em Uberlândia, algumas boates que as pessoas freqüentavam na época. Os cantores que mais vendiam nos anos 60/70. E também alguns programas de rádio que faziam sucesso neste período.

Espero que este trabalho traga subsídios para novas discussões sobre leituras no campo da Indústria cultural e comunicação de massa. Peço desculpas se por acaso o meu texto apresente alguma falha, ou fique com a sensação que poderia render mais. Infelizmente tive alguns problemas extracurso, que acabaram dificultando como o fato de trabalhar no comércio.

Mas, fica a minha promessa de continuar a minha pesquisa com o mesmo tema possivelmente, no mestrado. Porque esse é um tema que tem muito que ser discutido.

CAPÍTULO 1

ROCK: O GÊNERO QUE MUDOU

O MUNDO

“Dear Mr. Fantasy, play us a tune
Something to make us all happy
Do anything to take us out of this
gloom
Sing a song, play guitar, make it
snappy...”

Dear. Mr. Fantasy



Capa do disco Mr. Fantasy de 1968 do Traffic

CAPÍTULO I

ROCK: O GÊNERO QUE MUDOU

O MUNDO



1.1 - A INFLUÊNCIA DO ROCK

O rock teve sua origem nos ritmos negros como o Jazz, Rythm'n'blues, Gospel⁶ e Ballad, que foram levados pelos negros americanos que vieram do sul; para ajudar na produção crescente no norte dos Estados Unidos após a segunda Guerra Mundial.

No começo esses gêneros não atingiam em grande quantidade o público branco que estava mais acostumado com seu próprio estilo musical em que predominava as grandes orquestras. Contudo, essa busca pelo trabalho acabou por desenvolver um poderoso mercado consumidor e, também, modificou os padrões da indústria fonográfica em todo o mundo.

Em 1945, surge as primeiras casas especializadas no mercado negro da música, além de estações de rádio que se especializaram na divulgação dessas músicas. Destaque para os gêneros Blues e Country de origem do Memphis e Mississipi que tinham como características as letras faladas e ritmos espontâneos, o que ajudou a ganhar os centros urbanos deixando o estigma de ser apenas ritmos de dança de negros

⁶ Alguns pesquisadores como Hobsbawm no livro História Social do Jazz utiliza o termo Spirituals no lugar de Gospel

da periferia, da roça, de caipira. Foi nesta época o apogeu de B.B. King, Lloyd Price e Fats Domino, por exemplo.

Contudo a música negra a entrar maciçamente no mercado branco com suas duas formas: Gospel e Ballad.

A primeira era praticada por negros evangélicos, nas suas igrejas, num estilo onde o tom vocal melancólico de súplicas e de origem africana se misturava com uma harmonia tipicamente branca. A segunda com características próximas da primeira facilmente conquistou o mercado branco, devido ao seu ritmo atenuado e seus diálogos vocais cantados em solo. Como representantes desses gêneros cito: Midnighters, Driters e five Royals (Gospel); Moolighters, Flamingos e The Platers (Ballad).

Entretanto, um fato interessante que passou a ser fundamental foi a prática do cover para a invasão definitiva do mercado. Esse cover era uma adaptação, feita por cantores na sua maioria branca, de músicas negras, alterando as suas letras para que pudessem ser aceitas pelo público branco. Um dos responsáveis que fez a juventude branca adquirir em massa milhares de discos de rock que passaram a ser produzidos em massa foi: Bill Halley ele foi responsável pelo primeiro rock de sucesso: “Rock around the clock” de Max C. Freedman & Jimmy de Knight (1954).

*“One, two, three o'clock, four o'clock, rock,
Five, six, seven o'clock, eight o'clock, rock,
Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock, rock,
We're gonna rock around the clock tonight.*

*Put your glad rags on and join me, hon,
We'll have some fun when the clock strikes one,
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When the clock strikes two, three and four,
If the band slows down we'll yell for more,
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When the chimes ring five, six and seven,
We'll be right in seventh heaven.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When it's eight, nine, ten, eleven too,
I'll be goin' strong and so will you.
We're gonna rock around the clock tonight,*

*We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.
When the clock strikes twelve, we'll cool off then,
Start a rockin' round the clock again.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight”*

As gravadoras independentes conseguiram colocar os seus hits de vendagem nas paradas de sucesso alcançando a espantosa cifra de 20% dos dez mais vendidos em 1955, enquanto as grandes gravadoras achavam que seria apenas mais uma “moda passageira”. Foi apenas em 1956 que elas perceberam o fenômeno que era o rock. Algumas das gravadoras marginais que fizeram sucesso na época foram: Atlantic, Sun Records e Jubilee entre outras.

O interessante é que foi da Sun Records de Memphis que a RCA Victor contratou Elvis Presley, adquirido por 30 mil dólares e um Cadillac. Presley contribuiu com um gênero conhecido como Country rock e sua variação o Rockabilly. Elvis foi a síntese perfeita dos elementos da música branca com o rhythm and blues, com a sua voz rouca e sensual, contribuindo também para a ascensão de rock’n’rollers negros. Ele acabou vendendo mais de 100 milhões de discos, consolidando definitivamente o gênero musical nos quatro cantos do mundo e, a partir de 1965 o rock passou a ser o gênero musical dominante. Com músicas como “Kiss me Quick” entre outras acabaram por consolida-lo como ícone do rock mundial.



*“Kiss me quick, while we still have this feeling
 Hold me close and never let me go
 'Cause tomorrows can be so uncertain
 Love can fly and leave just hurting
 Kiss me quick because I love you so
 Kiss me quick and make my heart go crazy
 Sigh that sigh and whisper oh so low
 Tell me that tonight will last forever
 Say that you will leave me never
 Kiss me quick because I love you so
 Let the band keep playing while we are swaying
 Let's keep on praying that we'll never stop
 Kiss me quick just can't stand this waiting
 'Cause your lips are lips I long to know
 Oh that kiss will open heaven's door
 And we'll stay there forevermore
 Kiss me quick because I love you so”*

Essa “americanização” também influenciou, além da música, a moda, visto que os jovens passaram a imitar os seus ídolos no modo de se vestir, andar e, também, no comportamento. A moda, assim como a indústria cultural, revela uma grande capacidade de se transformar conforme a sua própria conveniência para se ajustar às exigências do mercado.

As agências de propaganda, estúdios de criação de moda, produtoras de vídeo e gravadoras, apropriou-se da moda para interpretar o conteúdo ideológico, das roupas, adereços, cabelos, postura, gestos, expressões, estilos musicais e tudo o que for útil para torná-la, um produto coerente ao nível das massas.

Com essa postura, a indústria cultural desarticula o princípio fundamental da vestimenta e de uma manifestação artística, tornando-a um mero produto de consumo que não dura mais do que um determinado tempo sendo, a seguir, descartada.

O próprio gênero rock quando começou a se disseminar no mundo, a partir dos anos 50, contribuiu para que a sua influência fosse utilizada pela indústria cultural com propósitos alheios à sua vocação original. Ela passou a ilustrar as trilhas sonoras de roupas, bebidas etc. assim como, independente de sua origem e nacionalidade, possibilitou aos jovens a incorporação de transformações do comportamento.

O rock permitiu também que novos estilos e modos de ouvir música fossem incorporados pelas massas. Tanto é que este gênero passou também a ser associado aos movimentos de protestos tais como: o hippie, o punk etc. Além de ser utilizado de forma ideológica em diversos concertos, como o realizado em favor das vítimas da fome na Etiópia.

Outro fato importante é que não apenas os discos, mas, tudo o que é relacionado ao artista é consumido de forma assombrosa pelos fãs, tornando um processo de produção que interessa muito mais à indústria fonográfica e de consumo, do que a sua própria criação musical que fica em segundo plano. Ela passa a ser utilizada para vender produtos aos consumidores e, com isso, o próprio gênero rock transforma-se num objeto da mídia, ou seja, um chamariz para a mercadoria à venda.

O rock nesta perspectiva só é consolidado como gênero musical a partir do momento em que a indústria cultural (vide moda e fonográfica) apropriou-se dele e o tornou um produto de mercado que vive da exploração sistemática da música jovem.

A utilização publicitária do rock possibilitou uma ilustração sonora do produto, sendo que ela pode ser uma composição específica ou já conhecida ajudando na venda de produtos inclusive aqui no Brasil onde, uma série de propagandas do cigarro Hollywood e do jeans Levis, influenciou ainda mais a massa que acabou por absorver essa “americanização” de forma homogênea.

Outro fato interessante que ocorreu com a massificação do rock foi em relação à vestimenta que deveria ser consumida de acordo com as condições de abrigo e agasalho, mas, que acaba seguindo a tendência do mercado de consumo. Os fabricantes acabam por modificar o que o ídolo veste e com o seu toque pessoal acaba produzindo peças que fazem o sentido de costume perder a sua própria identidade.

O mercado cultural segundo Tupã Gomes Correia⁷: “São padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma sociedade”. Daí “porque todas as práticas sociais, inclusive do consumo são culturais”. Por isso o mercado é em última instância, uma decorrência da cultura porque agrega todo um conjunto de pessoas motivadas por um mesmo objetivo de consumir.

O mercado cultural acaba assim sendo dimensionado por elementos circunstanciais, fazendo do mesmo um espaço onde o consumo de produtos ocorre, menos em função da materialidade das mercadorias do que em função do sentido que elas assumem ao serem adquiridas.

Segundo Tupã:

“O rock pode ser definido como gênero de música pelo qual é estabelecido um limite de confronto com os padrões sonoros convencionais diante, do preenchimento de todas as possíveis extensões entre a forma e o conteúdo

além, de propor uma ruptura do tradicional, usual e do que pode ser estabelecido, assim como, dos discursos auxiliares e não necessariamente sonoros”.

Com essa definição podemos dizer que o rock tem tudo a ver com a rebeldia, e assim talvez explique o porque dos seus autores e intérpretes ostentem a massa da juventude. Essa juventude acaba por ser maleável contribuindo para o descomprometimento das tradições, valores e padrões sociais.

Enquanto outros gêneros carregam essa marca, o rock se utiliza do fato de ter respaldo com o movimento de protesto fazendo dele seu principal meio de difusão. Ou seja, ao mesmo tempo em que serve de linguagem para esses movimentos, estes mesmos o difundem pelo mundo.

O que é mais interessante é que o rock ao ser utilizado pela periferia como movimento de protesto acaba desenvolvendo um estilo próprio ao tornar-se conhecido, desencadeando a massificação no tocante a música de origem. E, para a sua própria ironia, ao ser massificado acaba contribuindo para a reprodução comercial, fugindo de sua origem de oposição ao sistema. E quanto mais o rock é utilizado pela indústria cultural, mais ele se afasta de sua origem de gênero musical tornando-se um produto massificado. A partir da década de 1950, o sucesso da música negra acaba coincidindo com os conflitos raciais nos Estados Unidos, fazendo a música caminhar para a sua politização.

Nos Estados Unidos, diante de um quadro social-político agitado, o rock começou a perder prestígio para um outro tipo de música, baseada na canção folclórica norte-americana que acabou servindo como forma de protesto e expressão da juventude universitária no país. Era a: folk song, que apela para a consciência política dos estudantes principalmente aqueles que estavam engajados nas lutas estudantis. Esse renascimento da música folk americana teve como suas principais estrelas Joan Baez e Bob Dylan.

Principalmente com o aparecimento de Bob Dylan em 1962, surgiu a canção de protesto (protest song) como um desdobramento da onda folk. Ele utilizava-se da base folk para retratar em letras atuais a situação da época como: racismo, militarismo, e a corrida armamentista, assuntos que não eram abordados na época. Entre suas canções

⁷ CORRÊA, Tupã Gomes, “Rock nos passos da moda. Mídia, Consumo X Mercado Cultural” Campinas: ed. Papirus, 1989

deste período destaco “Blowin’ in the Wind”, de 1963, que se tornou hino do movimento pelos direitos civis dos negros americanos.

*“How many roads must a man walk down
Before you call him a man?
Yes, 'n' how many seas must a white dove sail
Before she sleeps in the sand?
Yes, 'n' how many times must the cannon balls fly
Before they're forever banned?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind
How many years can a mountain exist
Before it's washed to the sea?
Yes, 'n' how many years can some people exist
Before they're allowed to be free?
Yes, 'n' how many times can a man turn his head
Pretending he just doesn't see?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind.
How many times must a man look up
Before he can see the sky?
Yes, 'n' how many ears must one man have
Before he can hear people cry?
Yes, 'n' how many deaths will it take till he knows
That too many people have died?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind.”*

E, no começo da década de 1960 são lançados os Beatles e os Rolling Stones. O interessante é que a assimilação da música negra pelos britânicos possibilitou a mediação entre música e mercado já que no local em que elas surgiram não havia qualquer conflito racial. Em 1965, por exemplo, os Beatles invadem os Estados Unidos através da televisão. Com LPs clássicos, os Beatles foram um verdadeiro laboratório de influências que abordavam desde música folclórica, eletrônica, passando pela oriental a mensagens existenciais contidas em suas letras como: “Lucy In The Sky With Diamond”.⁸

⁸ Interpretação de LITSWD de acordo com John Lennon:

Uma tarde em 1967, **Julian Lennon** chegou em casa vindo do jardim de infância com um desenho que ele disse que era da sua colega de classe de 4 anos, chamada **Lucy O'Donnell**. Explicando sua criação artística para o pai, Julian descreveu-a como sendo *Lucy - "no céu com diamantes"*. Esta frase fixou-se na mente de John e provocou o fluxo de associações que conduziram à composição da fantástica **Lucy In The Sky With Diamonds**, uma das canções do álbum **"Sgt. Peppers's"** dos **Beatles** que recebeu atenção especial da mídia porque pensava-se que era "sobre drogas". Embora seja improvável que John Lennon teria escrito tal peça de fantasia sem jamais ter experimentado alucinógenos, esta canção foi igualmente afetada por seu amor pelo surrealismo, pelos jogos de palavras e pelo trabalho do escritor **Lewis Carroll** (autor de *"Alice No País Das Maravilhas"* e *"Através Do Espelho"*). A sugestão que a canção era a descrição de uma "viagem" de LSD pareceu ser substanciada quando notou-se que as

*"Picture yourself in a boat on a river,
 With tangerine trees and marmalade skies
 Somebody calls you, you answer quite slowly,
 A girl with kaleidoscope eyes.
 Cellophane flowers of yellow and green,
 Towering over your head.
 Look for the girl with the sun in her eyes,
 And she's gone.
 Lucy in the sky with diamonds.
 Lucy in the sky with diamonds.
 Lucy in the sky with diamonds.
 Ah... Ah...
 Follow her down to a bridge by a fountain
 Where rocking horse people eat marshmallow pies,
 Everyone smiles as you drift past the flowers,
 That grow so incredibly high.
 Newspaper taxis appear on the shore,
 Waiting to take you away.
 Climb in the back with your head in the clouds,
 And you're gone.
 Picture yourself on a train in a station,
 With plasticine porters with looking glass ties,
 Suddenly someone is there at the turnstyle,
 The girl with the kaleidoscope eyes."*

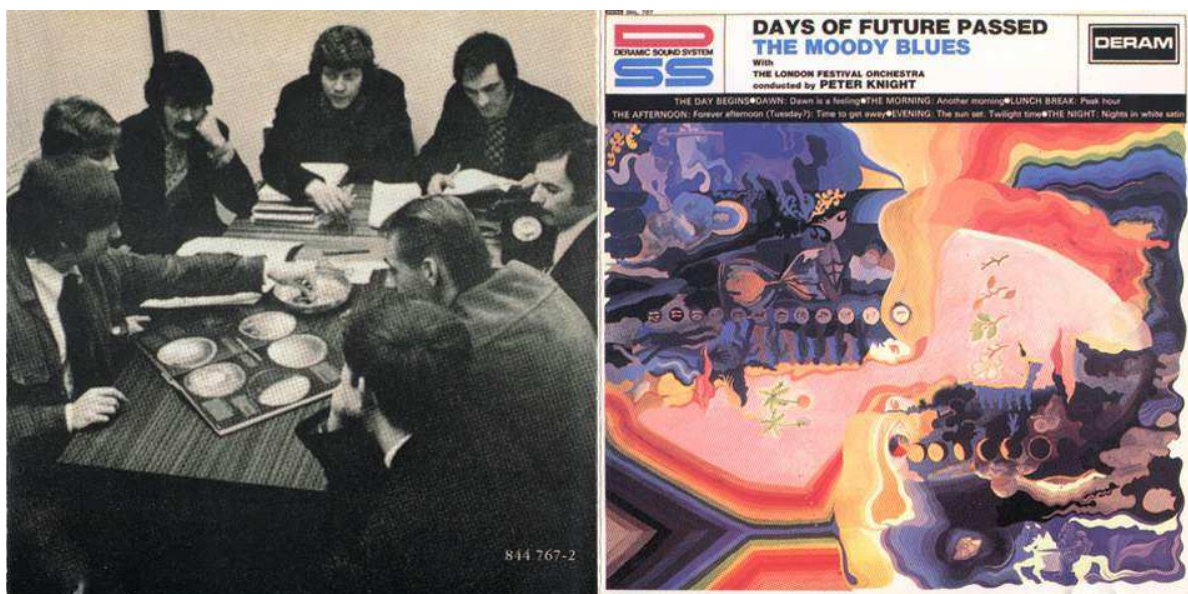
Enquanto no próprio Estados Unidos o rock passou a ser considerado um gênero típico de adolescente e que ocasionalmente voltava-se para o Blues e Country. Foi nesse momento que surgiu: Jimmy Hendrix, Crosby Still and Nash, Jefferson Airplane e outros da geração "Woodstock". Outro gênero que surgiu também nesta época foi a Soul Music, liderada por James Brown, Etta James e Salomon Burke entre outros.

Com a morte dos ídolos revolucionários do rock, como Jimmy Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison e com o fim dos Beatles, os seguidores do movimento acharam que ele tinha se esgotado e começaram a medir esforços para dotá-lo do status de música instrumental. Esses esforços são caracterizados pela fusão do rock, Jazz e música clássica que levou o nome de "fusion", também conhecido como rock progressivo, de conjuntos como Gênesis, Moody Blues, Yes, Supertramp, Pink Floyd

iniciais do título soletravam LSD (Lucy + Sky + Diamonds). Ainda assim, John negou veementemente e entrou em detalhes em entrevistas sobre as drogas que ele tinha usado. Ele insistiu que o título tinha sido tirado do que Julian disse sobre seu desenho e alegou que as imagens alucinatórias na canção foram inspiradas numa passagem do livro *"Através do Espelho"* de Lewis Carroll, onde Alice é levada por um rio num barco a remos pela Rainha, que repentinamente transformou-se numa ovelha.

e outros. Além do chamado rock pesado, antecessor do heavy metal, com Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath e Nazareth.

Destes grupos destaca-se, pelo início do movimento, o conjunto Moody Blues que em 1967 produz o clássico Days of future passed, com a Orquestra Sinfônica de Londres sendo que a música “The Night White in Satin”, de Justin Hayward representou o casamento deste novo estilo;



Capa do Clássico LP Days of Future Passed do Moody Blues

*“Nights in white Satin
Never reaching the end
Letters I've written
Never meaning to send
Beauty I'd always missed
With these eyes before
Just what the truth is
I can't say anymore
Cause I love you
Yes I love you
Oh, How I love you
Gazing at people
Some hand in hand
Just what I'm going through
They can't understand
Some try to tell me
Thoughts they cannot defend
Just what you want to be
You will be in the end
And I love you
Yes I love you
Oh, How I love you
Nights in white satin*

*Never reaching the end
 Letters I've written
 Never meaning to send
 Beauty I've always missed
 With these eyes before
 Just what the truth is
 I cant say any more
 Cause I love you
 Yes I love you
 Oh, How I love you*

*Breathe deep the gathering gloom
 Watch lights fade from every room
 Bedsitter people look back and lament
 Another day's useless energies spent
 Impassioned lovers wrestle as one
 Lonely man cries for love and has none
 New mother picks up and suckles her son
 Senior Citizens wish they were young
 Cold hearted orb that rules the night
 Removes the colours from our sight
 Red is Grey and Yellow, White
 But we decide which is right
 And which is an illusion???"*

É necessário salientar que muito além do papel de expressão política desempenhada pela música em seus diversos gêneros e como elemento estimulante para o consumo, encontra-se o seu papel como expressão social de lazer e entretenimento. Especialmente como diversão popular básica realizando um significativo caminho para a dança, que foi ofuscado por causa da elitização que envolveu a música após o estilo progressivo, que a afastou desse papel para a dança.

Como podemos ver, o rock tem uma grande variedade de estilos, que justificam as múltiplas rupturas produzidas por si mesmo. Esses estilos, por sua vez, mostram uma variada discografia que representa todas as tendências que tiveram em evidência desde a sua origem.

Foi a partir de Elvis Presley que o rock provocou o maior impacto na música americana. Essa influência também chegou aqui, até o ponto de vermos que ele tem muitos fãs aqui no Brasil.

Só que a grande evidência do rock como gênero musical deve-se ao feito de ter surgido como expressão do desacordo de uma geração jovem com os padrões que existiam na época, utilizando também os gêneros anteriores que já vinham sendo utilizados como manifestação de protesto ou desacordo social.

Tais como os movimentos políticos e sociais da década de 1960, que também refletiu no Brasil, percebendo-se que o rock era adequado para as linguagens de protesto que começavam a delinear, além de inconformismo, aglomerando uma grande quantidade de jovens com os mesmos ideais.

Todavia os seus interpretes passaram a apresentar-se como rompedores dos costumes e tradições, estampados nas suas roupas, que nada mais era do que uma reprodução da mídia.

Tão logo esses intérpretes insurgiram contra os padrões existentes, reformulando sua forma de apresentar-se, a indústria cultural através da mídia os transformaram em produto de consumo em escala.

Por isso a indústria cultural, através do mercado de discos, acaba utilizando-o como produto de massa, ela também contribuiu para a “americanização”, pois o jovem brasileiro tende a se vestir e copiar os gestos do seu ídolo do rock. Não só acaba ajudando no rompimento de seu padrão cultural, mas, também nos leva a crer que é um processo natural, já que o discernimento desse gênero, entre todas os outros foi o que mais influenciou a nossa música. As baladas românticas dos anos 70 eram, em grande parte, influenciadas pelas baladas americanas açucaradas, que contribuíram para que fossem absorvidas de modo mais homogêneo pela cultura de massa que é regida pelas leis da economia de mercado.

Mas, essa massificação só foi possível graças ao trabalho da indústria cultural que fabricou esses ídolos incentivando essa invasão cultural. Tendo o disco como ponto inicial, a gravadora assume o papel de entidade mais ativa e dominante da indústria cultural, uma vez que ela é quem torna conhecida as músicas gravadas e, também, faz sua divulgação em outros veículos do sistema como a televisão e o rádio que são essenciais para a divulgação do disco.

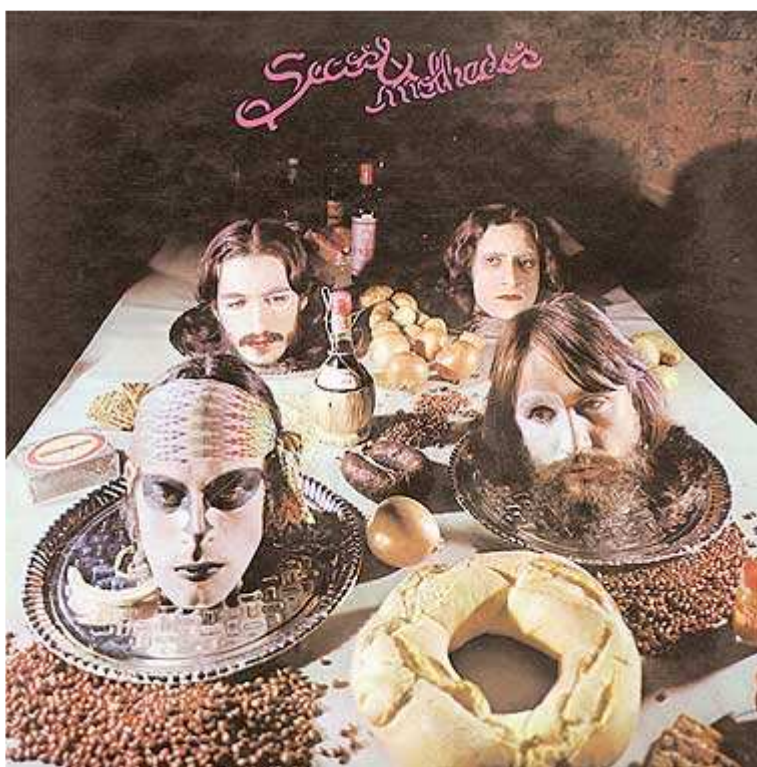
CAPÍTULO 2

A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA MÚSICA

POPULAR BRASILEIRA

*“...Minha vida, meu mortos
Meus caminhos tortos
Meu sangue Latino
Minha alma cativa”
“Sangue Latino”*

Secos & Molhados, 1973



"Secos e Molhados" - Secos e Molhados (1973), 1º lugar na enquete.

"Qual a melhor capa da música brasileira", promovida pela Ilustrada

CAPÍTULO 2

A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA MÚSICA

POPULAR BRASILEIRA

2.1 - A INFLUÊNCIA DOS RITMOS

A polêmica sobre a influência estrangeira na nossa musica vem, já há algum tempo, despertando a ira dos nossos representantes, pois para eles essa “americanização” acaba por deixar ainda mais restrito o mercado musical para os nossos músicos.

É interessante saber que muito do que aqui consumimos, em relação à música, vem das multinacionais que saturam o mercado com cantores estrangeiros, o que fica muito mais barato para elas já que chegam aqui com a matriz pronta e só tem o trabalho de imprimir a capa dos CDs, sem impostos alfandegários e a preços mínimos, gerando uma concorrência desleal ao que é criado aqui.

Outra fonte de concorrência desleal é a promovida pelas rádios, onde muitos comunicadores inescrupulosos são aliciados pela famosa propina chamada “jabaculê”, onde o mesmo na sua programação divulga uma determinada música promovendo o seu “sucesso” perante a mídia, enquanto muitos dos nossos cantores não têm sequer um veículo para divulgar a sua música, restringindo ainda mais o mercado nacional.

Outro ponto negativo é que, sem ter muitas opções, o músico brasileiro acaba se enquadrando nessa indústria fonográfica para mostrar o seu trabalho e chega a ser muitas vezes patético do ponto de vista cultural, mas que, sem dúvida nenhuma, agrada a massa que compra os seus CDs e por consequência acaba colaborando ainda mais para a “americanização” da nossa música.

Mas, não são todos que acabam aderindo aos modismos. Muitos de nossos cantores sempre criticaram essa invasão de modo muito sarcástico, com músicas bem humoradas ridicularizando esses modismos. Entre eles podemos destacar: Noel Rosa, que faz críticas ao cinema falado, às “Jazz-bands” e outras modas da sua época. Também destaco: Assis Valente, Jurandir Santos, Arnaud Rodrigues e Lamartine Babo que fez uma ótima música satírica “Canção... para inglês ver”.

Outro tema explosivo, e que tem opiniões prós e contras, é o das versões. Os defensores argumentam: antes elas do que o original; os detratores, por outro lado: nem elas e nem os originais. Os versionistas podem ser classificados em dois grupos: os tradutores e os adaptadores. Os adaptadores aproveitam as melodias modificando a letra original praticamente fazendo novas músicas. Entre estes se destaca Fred Jorge que fez 594 versões, entre elas: “Diana”, “Banho de Lua” e “Estúpido Cupido”. Muitos cantores de destaque acabaram também por fazer versões, e entre eles Chico Buarque que adaptou “Jesú Bambino”; Gilberto Gil que fez enorme sucesso com “Não Chore Mais”. Haroldo Barbosa com adaptação de boleros famosos como: “Maria Elena” e “El dia que me Quieras”. Francisco Alves gravou tudo o que aparecia e fazia sucesso com todos os ritmos: fox, tango, bolero, opereta. Era somente uma música ou tema de filme fazer sucesso para que ele regravasse.

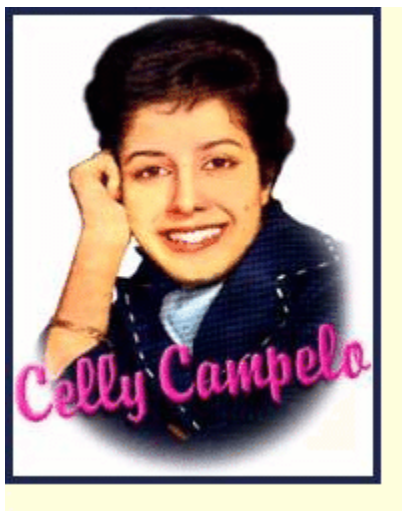
Outra invasão que aconteceu aqui durante as décadas de 40 a 60, foi dos boleros. Os maiores astros da música latina aterrissavam aqui até 1946 atraídos pelos cassinos e, depois, continuaram vindo devido ao grande sucesso que tinham com o gosto popular. Por aqui desfilaram: Ortiz Tirado, Pedro Vargas, Libertad Lamarque, Hugo Del Carril, Trio Los Panchos, que eram artistas classe A e que não chegaram a despertar reações chauvinistas. Afinal quem é que já não ouviu uma pessoa com mais de 40 anos cantarolando: “*Solamente una vez, ame em la vida...*”.

2.2 - PRIMÓRDIOS DO ROCK NO BRASIL

Com o lançamento do filme “Rock around the Clock” (No balanço das horas) em 1956, teve início o movimento do rock no Brasil. Neste começo o movimento teve em Celly e Tony Campelo, além de Sérgio Murilo, seus intérpretes principais. Graças a eles o rock começou a ser inserido na juventude brasileira através da tradução dos principais hits americanos, iniciando a grande onda de versões que, embora apresentados em língua nacional, eram na verdade música estrangeira.

A partir da década de 1960, após o sucesso de Celly Campelo com “Estúpido Cupido” (1959), é que o público jovem começou a ter o seu espaço na mídia, pois, até então as gravadoras não investiam em novos valores porque encaravam o rock como uma moda passageira.

*“Oh! oh! cupido, vê se deixa em paz, meu coração já não pode amar
 Eu amei há muito tempo atrás, já cansei de tanto soluçar
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim
 Eu dei meu coração a um belo rapaz que prometeu me amar e me fazer feliz
 Porém, ele me passou pra trás, meu beijo recusou e o meu amor não quis
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim
 Não fira um coração cansado de chorar
 A flecha do amor só trás angústia e a dor
 Mas, seu cupido, o meu coração não quer saber de mais uma paixão
 Por favor, vê se me deixa em paz, meu pobre coração já não agüenta mais
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim”*



Celly fez tanto sucesso que disputava em vendagem e execução com “monstros sagrados” como: Elvis Presley, Paul Anka, entre outros, além de estrelar ao lado de Tony Campello um programa na Tv Record que durou até 1962. Neste mesmo ano Celly resolve casar e abandona a carreira. Mas, ao contrário do muitos pensavam, após sua principal estrela encerrar a carreira o rock não entra em decadência, já que a partir de 1964 a Jovem Guarda começou a ser formada.

2.3 - JOVEM GUARDA

Enquanto Ronnie Cord gravava “Rua Augusta” fazendo muito sucesso, neste mesmo período Roberto Carlos começa a se destacar, juntamente com Erasmo Carlos com a música “Calhambeque”. Roberto e Erasmo já chamavam a atenção com “Splish Splash” e “Parei na Contramão”. O sucesso deles acabou abrindo espaço para que novos cantores entrassem no mercado fonográfico surgindo uma nova fase na música brasileira a Jovem Guarda.

Em 1965, de olho no grande mercado de consumo que surgiu a partir dos jovens e adolescentes, a TV Record lança o programa Jovem Guarda. Estrelado por Roberto Carlos (rei), Erasmo Carlos (tremendão) e Wanderléia (ternurinha). Com o sucesso do programa, nas tardes de domingo, surgiram outros adeptos do movimento como: os Vips, Os Incríveis, Os Fevers, Golden Boys, Renato e seus Blue Caps, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Martinha, Rosemery, Eduardo Araújo, Leno e Lílían além de outros.



Além de estar nas paradas de sucesso, essa turma de jovens acabou por influenciar os costumes da época. Para os rapazes a moda era usar cabelos compridos como os Beatles e calça colante bicolores. Para as garotas a coqueluche era minissaia acompanhada por botas de cano alto e cintos coloridos.

Graças a esses cantores a Indústria Cultural faturou muito, devido ao grande consumo dos jovens por produtos que os seus ídolos vendiam em comerciais de rádio e televisão da época.. Aliás, qualquer produto que tinha a marca Jovem Guarda vendia muito. As agências de propaganda lançavam campanhas publicitárias bem articuladas explorando esse mercado de consumo que se abria com a expansão dos meios de comunicação e desenvolvimento urbano do país.



Os Incríveis

Em 1966, no auge do movimento, Roberto Carlos grava: “Quero que vá tudo para o inferno” que se transforma no hino do movimento.

*“De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar
Se você não vem e eu estou a lhe esperar
Só tenho você no meu pensamento
E a sua ausência é todo o meu tormento
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno.
De que vale a minha boa vida de playboy
Se entro no meu carro e a solidão me dói
Onde quer que eu ande tudo é tão triste
Não me interessa o que de mais existe
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno.
Não suporto mais você longe de mim
Quero até morrer do que viver assim
Só quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno”.*

Além desta música Roberto freqüentava as paradas de sucesso com: “Pode vir quente que eu estou fervendo”; “Eu te darei o céu” e “Querem acabar comigo”.

O som da Jovem Guarda, que também era rotulado de iê-iê-iê, tinha como base o começo dos Beatles e o rock’n’roll dos anos 50, misturado ao rock-balada (influência do bolero e samba-canção). As letras não tinham nada de rebeldia, sexo, drogas ou crítica social. Misturava palavras dóceis com histórias ingênuas. Mas, essas letras também potencializaram manifestações como: o amor, namoro e beijo, além da dança e elementos da moda. As minissaias, por exemplo, tornaram modelos de transgressão da sociedade da época dentro do seu limite.

Porém, a Jovem Guarda não fazia parte do círculo da intelectualidade nacional e nem tampouco dos universitários brasileiros que estavam preocupados com o papel social da arte como meio de conscientização das desigualdades sociais e resistência ao regime militar. Por esses motivos o movimento era tratado como “arte alienada”. A Jovem Guarda teve o seu final em janeiro de 1968, quando foi ao ar o último programa pela TV Record. Foi também o ano em que surgiu o LP Sgt. Pepper’s, dos Beatles e marcou também o surgimento da tropicália.

2.4 - TROPICÁLIA

Durante o III Festival de Música Popular Brasileira, na TV Record, Caetano Veloso e Gilberto Gil causaram polêmica com as músicas: “Alegria Alegria” (quarto lugar):

*“Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não
Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço, sem documento, eu vou
Eu tomo uma coca-cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil
Ela nem sabe até, pensei,
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou, sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor
Eu vou
Por que não, por que não..”*

e “Domingo no Parque” (segundo lugar):

*“O rei da confusão - ê, João
Um trabalhava na feira - ê, José
Outro na construção - ê, João*

*A semana passada, no fim da semana
 João resolveu não brigar
 No domingo de tarde saiu apressado
 E não foi pra Ribeira jogar
 Capoeira
 Não foi pra lá pra Ribeira
 Foi namorar
 O José como sempre no fim da semana
 Guardou a barraca e sumiu
 Foi fazer no domingo um passeio no parque
 Lá perto da Boca do Rio
 Foi no parque que ele avistou
 Juliana
 Foi que ele viu
 Juliana na roda com João
 Uma rosa e um sorvete na mão
 Juliana, seu sonho, uma ilusão
 Juliana e o amigo João
 O espinho da rosa feriu Zé
 E o sorvete gelou seu coração
 O sorvete e a rosa - ô, José
 A rosa e o sorvete - ô, José
 Oi, dançando no peito - ô, José
 Do José brincalhão - ô, José
 O sorvete e a rosa - ô, José
 A rosa e o sorvete - ô, José
 Oi, girando na mente - ô, José
 Do José brincalhão - ô, José
 Juliana girando - oi, girando
 Oi, na roda gigante - oi, girando
 Oi, na roda gigante - oi, girando
 O amigo João - João
 O sorvete é morango - é vermelho
 Oi, girando, e a rosa - é vermelha
 Oi, girando, girando - é vermelha
 Oi, girando, girando - olha a faca!
 Olha o sangue na mão - ê, José
 Juliana no chão - ê, José
 Outro corpo caído - ê, José
 Seu amigo, João - ê, José
 Amanhã não tem feira - ê, José
 Não tem mais construção - ê, João
 Não tem mais brincadeira - ê, José
 Não tem mais confusão - ê, João”*

Caetano, acompanhado pelas guitarras dos Beat Boys, e Gil, pelos Mutantes, mesclaram dados modernos e atuais realçando a mistura de arcaísmo e modernização, utilizando os elementos tradicionais da música popular brasileira e da vida urbana com a sua sociedade de consumo.

O Tropicalismo foi inspirado no “Manifesto pau-Brasil” do poeta Oswald de Andrade, de 1922, criando alegorias e uma linguagem metafórica com um humor crítico, tentando balancear a posição dos defensores da cultura engajada com os defensores da cultura de massas. A Tropicália trabalhou a política e a estética num mesmo plano, mostrando as contradições culturais de nossa modernização subdesenvolvida.



O ápice do Tropicalismo foi o disco manifesto “Tropicália ou Panis et circenses”, de 1968, promovendo diversas misturas que acabaram no disco como: carnavalização, festa, alegoria, crítica musical, social, cafonice (kitch), compondo um novo painel na cultura brasileira. Destaque para a música: “Panis et circenses” que captura muito bem o espírito do movimento em sua letra de autoria de Caetano e Gil:

*“Eu quis cantar
Minha canção iluminada de som
Soltei os panos sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer
Mandei fazer
De puro aço luminoso um punhal
Para matar o meu amor e matei
Às cinco horas na avenida central
Mas as pessoas da sala de jantar*

*São ocupadas em nascer e morrer
Mandei plantar
Folhas de sonhos no jardim do solar
As folhas sabem procurar pelo sol
E as raízes procurar, procurar
Mas as pessoas da sala de jantar
Essas pessoas da sala de jantar
São as pessoas da sala de jantar
Mas as pessoas da sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer”*

Participaram deste LP nomes como: Caetano, Gil, Gal Costa Maria Bethânia, Tom Zé, Torquato Neto, Capinam, Os Mutantes e Nara Leão (musa da Bossa Nova).

Infelizmente, a maioria do público não entendia o movimento, que era odiado pela direita por causa da maneira contestadora e, longe dos padrões estéticos da cultura engajada, a Tropicália conheceria o seu fim. Mais precisamente em 1968, durante o II Festival Internacional da Canção. Durante o Festival, a platéia em sua maioria formada por universitários de esquerda vaiaram Caetano Veloso quando ele estava interpretando: “É Proibido Proibir”. Caetano interrompe a execução, respondendo a platéia com um discurso inflamado⁹:

“Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. Hoje não tem Fernando Pessoa. Eu hoje vim dizer aqui, que quem teve coragem de assumir a estrutura de festival, não com o medo que o senhor Chico de Assis pediu, mas com a coragem, quem teve essa coragem de assumir essa estrutura e fazê-la explodir foi Gilberto Gil e fui eu. Não foi ninguém, foi Gilberto Gil e fui eu!

Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a quem? Tem som no microfone? Vocês são iguais sabem a quem? Aqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. E por falar nisso, viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker! Eu tinha me comprometido a dar esse viva aqui, não tem nada a ver com vocês. O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira. O Maranhão apresentou, este

⁹ James Amado Rio de Janeiro, outubro de 1968 texto extraído do site Tropicália:

ano, uma música com arranjo de charleston. Sabem o que foi? Foi a Gabriela do ano passado, que ele não teve coragem de, no ano passado, apresentar por ser americana. Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso!

Eu quero dizer ao júri: me desclassifique. Eu não tenho nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Gilberto Gil. Gilberto Gil está comigo, para nós acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil. Acabar com tudo isso de uma vez. Nós só entramos no festival pra isso. Não é Gil? Não fingimos. Não fingimos aqui que desconhecemos o que seja festival, não. Ninguém nunca me ouviu falar assim. Entendeu? Eu só queria dizer isso, baby. Sabe como é? Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês? Se vocês forem... se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos! Me desclassifiquem junto com o Gil! Junto com ele, tá entendendo? E quanto a vocês... O júri é muito simpático, mas é incompetente.

Deus está solto!

Fora do tom, sem melodia. Como é júri? Não acertaram? Qualificaram a melodia de Gilberto Gil? Ficaram por fora. Gil fundiu a cuca de vocês, hein? É assim que eu quero ver. Chega!"

Ao tentar responder de forma original à exigência de uma cultura politizada e a solicitação de uma cultura de consumo, optando pela tensão que poderia ser estabelecida entre elas (concepção estética e política) a Tropicália acabou sendo mesmo que por pouco tempo, uma resposta de que era possível fazer esse equilíbrio de forças.

A partir de 1968, o Brasil viu-se mergulhado num terror sem precedentes com a decretação do AI-5, que deu amplos poderes ao Executivo, permitindo que fechasse o Congresso por tempo indeterminado, cassar mandatos, suspender direitos políticos por 10 anos de qualquer cidadão, demitir ou aposentar qualquer funcionário público civil ou militar e estender a censura prévia à imprensa e meios de comunicação.

Com decreto do AI-5, que fechou os canais de expressão e arte, a cultura brasileira sofreu um duro golpe. Os artistas de expressão como: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Chico Buarque, entre outros, foram exilados ou se exilaram. Ao mesmo tempo, essas condições de um regime brutal e ao sufocar a oposição, a economia passou por um “fenômeno” que a ditadura chamou de “milagre econômico”. Esse milagre fez-se às custas do silêncio forçado e do arrocho salarial imposto aos trabalhadores assalariados.

Abriram-se as portas para o capital estrangeiro, removendo todos os entraves a sua entrada. Emfim, de forma geral a ditadura militar favoreceu a concentração de capital, as fusões e associação de empresas. Teve o predomínio da grande empresa nacional, estatal e multinacional (com predomínio do capital norte americano e o crescimento dos capitais europeus e japoneses) consolidando o seu predomínio sobre as demais.

2.5 - EU TE AMO MEU BRASIL

O começo dos anos 70 foi marcado por uma propaganda de cunho ideológico exaltando o governo, cujo slogan mais representativo era: “Brasil ame-o ou deixe-o”.



Muito fusquinha tinha esse lindo adesivo colado no pára-brisa do carro enquanto o seu dono andava estufando o peito com o maior orgulho. E para ajudar ainda mais o governo militar a seleção brasileira conquista o “tri” campeonato de futebol no México reforçando o espírito de “país que dá certo”. Foi nesta época também que a dupla Don e Ravel cantava bem ao gosto ufanista do governo militar:

*“Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
Ninguém segura a juventude do Brasil”*

“Brasil: ame-o ou deixe-o” como acrescentaria o deboche popular: “... o último apague a luz.” Mas o verdadeiro clima da época foi retratado nos versos proibidos da música “Apesar de você” de Chico Buarque:

*“Hoje você é quem manda,
Falou, tá falado,
Não tem discussão, não.
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu?
Você que inventou esse estado
E inventou, de inventar,
Toda escuridão.
Você que inventou o pecado,*

*Esqueceu-se de inventar
O perdão.
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia.*

*Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar.
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar.
Quando chegar o momento,
Esse meu sofrimento,
Vou cobrar com juros, juro!
Todo esse amor reprimido,
Esse grito contido,
Este samba no escuro.
Você que inventou a tristeza,
Ora, tenha a fineza
De desinventar.
Você vai pagar, e é dobrado,
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar.
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.
Inda pago prá ver
O jardim florescer
Qual você não queria.
Você vai se amargar
Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença.
E eu vou morrer de rir,
Que esse dia há de vir
Antes do que você pensa.
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia.
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente?
como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente!
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.*

*Você vai se dar mal,
Etc. e tal... “.*

O controle da Indústria cultural pelos militares, que utilizavam agências de propaganda, emissoras de TV e outros meios de comunicação, levaram parte da juventude a procurar meios alternativos de cultura, surgindo a contracultura nacional. No cenário nacional essa contracultura fazia um rock nacional com influência de bandas estrangeiras como: Rolling Stones, Pink Floyd, Yes, Led Zepellin entre outros. Nesta época surgiam grupos de roqueiros brasileiros que eram ignorados pelo grande público e desapareciam sem deixar registro em vinil com algumas exceções (Mutantes, Raul Seixas, secos & Molhados).

Deste período destaco os Secos & Molhados que duraram apenas dois anos 1973/74. O primeiro disco é um clássico. O grupo misturava a influência da androginia e glamour do “glitter rock” (David Bowie, Alice Cooper entre outros) com latinidade brasileira, ofuscando a vendagem de Roberto Carlos, prenunciando um mercado promissor para o rock nacional.

Em enquête da folha de São Paulo realizada em 2001 foi considerada a capa de LP mais influente da música nacional.¹⁰



O impacto causado pelo álbum que trazia O Vira, Sangue Latino, O Patrão Nosso de Cada Dia, Fala, Assim Assado e Rosa de Hiroshima já começava mesmo pela tal capa, clicada com maestria por Antonio Carlos Rodrigues, um ex-repórter fotográfico do diário carioca Última Hora. Trabalhando naquela época também para a revista Fotoptica, Antonio Carlos teve a sorte de ver um ensaio seu cair nas mãos dos integrantes do trio. Seu colega de redação João Apolinário, pai de João Ricardo, o principal compositor dos Secos & Molhados, sugerira ao filho e a seus parceiros algo

¹⁰ Informações retiradas do site do grupo e também de um artigo de Felipe Tadeu para a Revista eletrônica Nova Cultura. Endereço eletrônico: www.novacultura.de/030150m.html

parecido com aquelas fotos de cabeça de mulher servida num prato de papelão prateado assinadas por Antonio. A idéia foi aceita pelos três e pouco tempo depois lá estavam aqueles hippies, ilustres desconhecidos serrando placa de compensado para fazer a mesa em que posariam decapitados em meio a linguiças, cebolas, broa, biscoitos e grãos de feijão. Um cenário que sugeria uma seção de secos e molhados de armazém, com um João Ricardo barbudo com ares de Don Quixote, um Ney Matogrosso cigano de bandana colorida, mais Gerson Conrad e Marcelo Frias (baterista e percussionista em participação especial) completando o banquete inquisitorial. Todos maquiados, homens maquiados em plena década de 70. Antonio Carlos queimou uma madrugada inteira para fisgar o clima desejado, com os músicos sentados o tempo todo em cima de tijolos, passando o maior frio por debaixo da mesa.

Mas o melhor de tudo, claro, era a música que estava talhada ali nos sulcos, exibida na voz deslumbrante de Ney de Souza Pereira, o Ney Matogrosso, revelação máxima do ano de 1973. Um cantor sem igual, de registro vocal raríssimo, que já nascia feito para brilhar e causar espanto. Um artista completo, com grande domínio de palco (perfeitamente comparável a um Mick Jagger), capaz de performances desconcertantes também como dançarino, ele que foi um dos mais legítimos contestadores do moralismo tacanho do Brasil dos anos de chumbo do repugnante general Médici

Ao estrear com os Secos & Molhados, Ney Matogrosso tinha na bagagem doze meses de teatro, muitos problemas com o pai militar e os bolsos rasos do vil metal. Só para se ter uma idéia, Ney teve que vender o único bem que possuía - um pequeno despertador - para poder comprar a passagem de ônibus para São Paulo, onde ia começar a ensaiar com Gerson e João Ricardo. Depois de ter participado como ator de montagens como Dom Quixote Mula-Manca e Seu Fiel Companheiro Zé Chupança, de Rosinha no Túnel do Tempo e de A Viagem, um musical adaptado de Os Lusíadas, Ney não botava muita fé na carreira de cantor. Ligado também em artesanato, o mais molhado do trio ganhava a vida no maior improviso, passando fome muitas vezes. Mas quando ele subiu em dezembro de 1972 ao palco da Casa de Badalação e Tédio, no Teatro Ruth Escobar, de bigode e grinalda na cabeça, e com o corpo e o rosto pintados de dourado, Ney não precisaria de muitos meses para virar lenda. João Ricardo, nascido em Ponte do Lima, Portugal, era outro enorme talento dos Secos & Molhados. O que seria da banda sem suas composições inusitadas, seus poemas

derretidos em baladas e rocks da melhor safra dos anos 70 no Brasil? Uma década elétrica em que vingavam por exemplo formações como a de Rita Lee & Tutti-Frutti, O Terço, A Barca do Sol, Alceu Valença e Os Mutantes.

Os Secos & Molhados chegavam ao primeiro Lp numa tiragem inicial de apenas 150 mil álbuns. Uma expectativa que explodiu logo na primeira semana do disco nas lojas, com a Continental tendo que recolher o vinil de outros artistas para derreter e prensar novas cópias rapidamente. O disco abria logo com Sangue Latino, uma parceria de João Ricardo com Paulinho Mendonça, faixa que emplacou rapidinho nas rádios. Depois vinha o maior hit dos Secos & Molhados, O Vira. Um sotaque lusitano numa pegada rock que levou o disco à casa do milhão de cópias vendidas em apenas um ano. Potencialize isso a enésima potência, levando em conta o estágio da mídia na década de 70 o estrago que o trio causou.foi enorme. Depois, vinha a cortante balada O Patrão Nosso de Cada Dia. Os Secos & Molhados ainda vinham de El Rey, aquela canção em que dizia que "eu vi El Rey andar de quatro...". Rosa de Hiroshima, grito pacifista, antinuclear, num poema de Vinicius de Moraes musicado brilhantemente por Gerson Conrad. Pena que um ano depois o grupo tenha se dissolvido devido principalmente a guerra de egos entre Ney Matogrosso e João Ricardo.

Também neste período podemos destacar a influência do rock progressivo: Som Nosso de cada dia, Casas das Máquinas entre outros. O Casa das Máquinas do ex-Incríveis, Netinho tinha um som bem elaborado como os das músicas “Lar de Maravilhas”:

*“Eu vou dormir
Para sonhar
Poder sair e me elevar
Vou viajar
Num beija-flor entre canais espaciais
Rumo à lua verde, vamos rumo à lua verde
Lar de maravilhas eu vou me purificar
Rumo à lua verde, vamos rumo à lua verde
Lar de maravilhas eu vou me purificar”*

e “Cilindro Cônico”:

*“Sempre o vento sopra mais forte
Pra quem não está acostumado com o frio daqui
Sempre o tempo passa depressa
Pra quem se interessa e vive mais um pouco aqui
Num tá fácil, é até difícil*

*Entender as coisas como elas são
 É difícil ver tão fácil
 Tudo é complicado, tudo é eletrônico
 Tudo se resume num cilindro cônico
 Tudo, tudo, tudo é complicado
 Tudo, tudo é eletrônico
 Tudo, tudo, tudo se resume num cilindro cônico “*

Outro aspecto interessante foi a fusão da música sertaneja ao rock, surgindo o “rock rural” como no caso do trio Sá Rodrix & Guarabira com as músicas A Primeira Canção da Estrada e O Pó da Estrada. Também havia os “malditos” Jorge Mautner, Walter Franco, Tom Zé, entre outros, que eram esquecidos pela mídia, interessada em certos padrões hegemônicos da indústria cultural, principalmente nas trilhas sonoras de novelas.

2.6 - BALADAS ROMÂNTICAS EM INGLÊS

Como foi mostrado anteriormente, a partir do nascimento do rock a influência americana ficou mais visível no Brasil convivendo com a nossa música. Desde Celly Campelo, passando pela Jovem Guarda, Tropicália e o rock do começo dos anos 70, o rock mudou os modos, costumes e maneira de pensar, se incorporando ao cotidiano. Apesar da nossa qualidade musical própria passamos a conviver com essa “americanização”. Outro fator interessante é que apesar do rock ser um gênero de música americana, desde o seu começo no Brasil ele cantado no nosso idioma. Existiam as versões dos hits americanos que eram produzidos em português facilitando a assimilação por parte das massas. Além de consolidar a indústria cultural, já que o rock abriu um mercado consumidor para as massas que passaram a adquirir tudo o que seu ídolo usava desde o corte de cabelo, passando pela vestimenta e até o “shampoo” e creme dental que ele anunciava.

Com a influência americana consolidada, no começo da década de 1970, surgiram vários grupos e cantores que começaram a cantar em inglês. Grupos como: Pholhas, Sunday, The Light Reflections, Harmony Cats e cantores como: Dave Maclean, Mark Davis, Morris Albert entre outros, fizeram muito sucesso com baladas simples e românticas, “estourando” nas paradas de sucesso. Essas baladas eram influenciadas pelo rock balade que tinha como seu principal representante o

grupo Bread na época. Esses conjuntos e cantores começaram em sua maioria a suas carreiras cantando em bailes e bares movimentados deste período.

Outro motivo que ajudou massificação dessas músicas foi a inclusão das trilhas sonoras em inglês nas novelas da Rede Globo. Aproveitando-se deste filão muitos cantores gravavam especialmente para ter os seus “hits” incluídos na novela tornando-os sucessos populares.

Segundo Adorno¹¹ essa “popularização” dos hits é característica da estandardização, já que apresentam uma padronização rígida. Os pilares harmônicos, com o começo e final de cada parte, reiteram o esquema-padrão em que é enfatizado os mais primitivos fatos harmônicos. Com esse esquema é garantido que o hit terá a mesma experiência familiar e nada de novo será acrescentado. Essa estandardização na música popular ou hit só ocorre já que cada detalhe é insubstituível servindo a sua como engrenagem numa máquina. Como exemplo desta estandardização temos exemplo do grupo Pholhas, fundado em 1968 para tocar em bailes e que com a sua crescente popularidade gravou o seu primeiro LP em 1972 pela gravadora RCA Victor optando por cantar e compor em inglês, até porque na época 90% da programação das rádios e TVs eram de sucessos internacionais.

OS "Pholhas" lançam então, em setembro de 1972, o LP Dead Faces do qual foi com as canções My Mistake, Pope, Shadow of love e My first girl. Como exemplo destaco duas músicas do grupo Pholhas: “ My Mistake”

*“There was a place that I lived
And a girl, so young and fair
I have seen many things in my life
Some of them I’ll never forget
Everywhere...
I was sent to prison
For having murdered my wife
Because she was living with him
I lost my head and shot her
This was my story in the past
And I’ll go to reform myself
I am paying for my mistake
I will never be the same man again”*

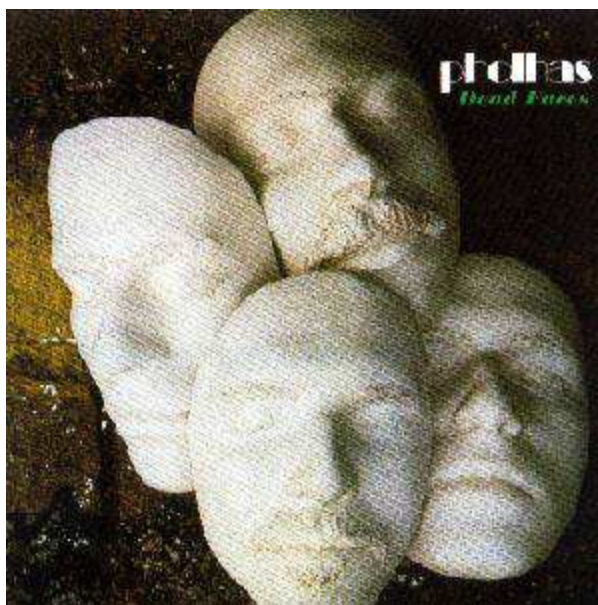
e “She made my cry”:

*“Let me tell, my whole story
I had some time ago
She was a pretty little girl
She was my wife, I was so glad
My happiness finished so fast, my*

¹¹ Theodor W. Adorno (Coleção Grandes Cientistas Sociais) pág. 116

*She broke my heart and told me
 She didn't love me no more
 Then today I am alone
 I spend my time, spend my time
 Sweeping the floor
 The dust goes my mind flies
 The time goes by and I know
 I'll find another girl
 But I still remember
 She made me cry!"*

Onde esse exemplo de standardização ocorre, já que o som e a melodia são padronizados sendo facilmente absorvidos pela massa.



Capa do LP dead faces dos Pholhas

Outra forma de divulgação destes cantores era os chamados compactos, que de maneira geral vinham com duas músicas, uma para ser trabalhada nas rádios e outra geralmente para preencher o espaço que havia no disco. Outra forma que a indústria fonográfica encontrou para inserir estes cantores no mercado era os chamados “covers”. Diferente do começo do rock, onde as letras eram traduzidas para o português, as gravadoras antes de lançarem uma determinada música, gravavam a mesma com um artista nacional para testar para ver se tinha boa aceitação. Um exemplo dessa prática é a música “Flying” de Chris de Burgh, que foi lançada aqui por Jessé com o pseudônimo de Christie Burgh, fazendo mais sucesso que a música original:

*“Flying
 I thought I'd never lose that flying*

*I thought I'd spend my whole life trying
But flying is that ancient art
Keeping one foot on the ground*

*Flying
I thought I never keep flying
I thought I'd be losing all my sighing
But flying is that ancient art
Hiding words that will never be found*

*Crying
I thought I'd never stop that crying
I thought our love was a dream of dying
But crying is that ancient art
Keeping rivers into the ground*

*Oh, Dying
I thought I'd never see that dying
Gonna spend my whole life dying
Oh dying is that ancient art
Of keeping one world turning round*

*Sighing
I thought I'd never keep from sighing
I thought I'd always be there crying
Ripping sighing is that ancient art
Sadness all around*

*Oh, flying oh oh lying
Crying oh oh sighing
Trying oh oh crying oh oh
Lying is that ancient art
Of growing flowers in the ground
Yes, it is!"*

Os programas de rádio, principalmente os românticos, onde os jovens mandavam mensagens para a namorada ou namorado, também foi um importante veículo para a divulgação destas músicas. Além das rádios, outro meio de comunicação utilizado por esses cantores era a televisão onde eram apresentados como grandes estrelas em vários programas como: os do Chacrinha, Bolinha, Flávio Cavalcante entre outros.

Ao contrário dos grandes compositores e músicos brasileiros do período, como Chico Buarque, Caetano e outros que viviam sob pressão dos militares, estes músicos nunca tiveram problemas com o regime já que suas baladas açucaradas não ofereciam nenhum problema e também as letras de suas músicas não tinham conteúdo ideológico subversivo.

Nesta indústria cultural implantada por esses músicos vale lembrar que eles trabalhavam como se fosse uma linha de produção em massa¹². As gravadoras contratavam esses músicos, que gravavam a música em estúdios do eixo Rio-São Paulo. O estúdio mais procurado era o Reunidos que ficava no prédio da Gazeta, na avenida Paulista, em São Paulo. Outros cantores que tinham carreira solo geralmente participavam destas gravações fazendo “backing vocals” nas canções. Por exemplo: Jessé teve participação ativa nesta época pois, além de ter sua carreira solo, ele fazia coro em diversas músicas de sucesso desta época.

Além de Jessé, destacavam neste período Dave Maclean “Me and You”, Mark Davis/Uncle Jack (ambos pseudônimos de Fábio Jr.) “Don’t let me cry e My Baby”, Malcolm Forest “Ecstasy” entre outros.

Mas, o cantor que fez maior sucesso foi, sem dúvida nenhuma, Morris Albert. Maurício Alberto Kayserman era uma das estrelas de destaque deste modismo. No ano de 1973 ele emplacou o seu maior sucesso a música “Feelings”:

*“Feelings,
Nothing more than feelings,
Trying to forget my
Feelings of love.
Teardrops
Rolling down on my face,
Trying to forget my
Feelings of love.
Feelings,
For all my life I’ll feel it.
I wish I’ve never met you, girl;
You’ll never come again.
Feelings,
Wo-o-o feelings,
Wo-o-o, feel you again in my arms.
Feelings,
Feelings like I’ve never lost you
And feelings like I’ll never have you
Again in my heart.
Feelings,
For all my life I’ll feel it.
I wish I’ve never met you, girl;
You’ll never come again.
Feelings,
Feelings like I’ve never lost you*

¹² Cheguei a esta conclusão após ler no encarte da coleção a seguinte nota da equipe de transcrição: “Uma equipe de cantores e compositores com conhecimento em inglês procedeu a interpretação e transcrição de várias letras. Tentando aproximar o Máximo possível da intenção dos autores. Porque alguns cantores não dominavam bem o idioma inglês, e há casos em que o próprio original está incorreto, gerando inigibilidade ou interpretação ambígua”.

*And feelings like I'll never have you
Again in my life.
Feelings,
Wo-o-o feelings,
Wo-o-o, feelings again in my arms.
Feelings..."*



Os grandes ídolos da época: Morris Albert, Pholhas e Christian

O fenômeno teve início quando foi incluída na trilha sonora da novela “Corrida do Ouro”, da Tv Globo. Feelings vendeu milhões de cópias em todo o mundo. Concorreu ao Grammy e foi gravada por cantores como: Frank Sinatra, Johnny Mathis entre outros. Chegando a ser matéria do Fantástico da rede Globo em 1976, quando lançou, “She’s my girl”.

Outro fator que representa esta “americanização” são os pseudônimos, utilizados pelos artistas. A maioria era escolhida pelos produtores das gravadoras, geralmente pegando um nome parecido com o de algum cantor de sucesso, como do de Jessé, Christie Burgh, tirado do nome do cantor oficial da música “Flying”, Chris de Burgh. Ou então o de Steve Maclean, Helio Eduardo Costa Manso, criou para parecer com Steve McQueen, que era famoso por seus filmes de ação na época.

As coletâneas em discos era também outro meio de divulgação destas músicas, pois muitos cantores não conseguiam se manter nas paradas com um LP inteiro. Então a solução encontrada pela indústria fonográfica era lançá-los em disco como: “As 20 mais da Excelsior”, “Love Hits”, “Tunnel of Love”, “A sua Paz

Mundial” entre outras coletâneas que tinham uma excelente vendagem, mantendo o mercado aquecido.

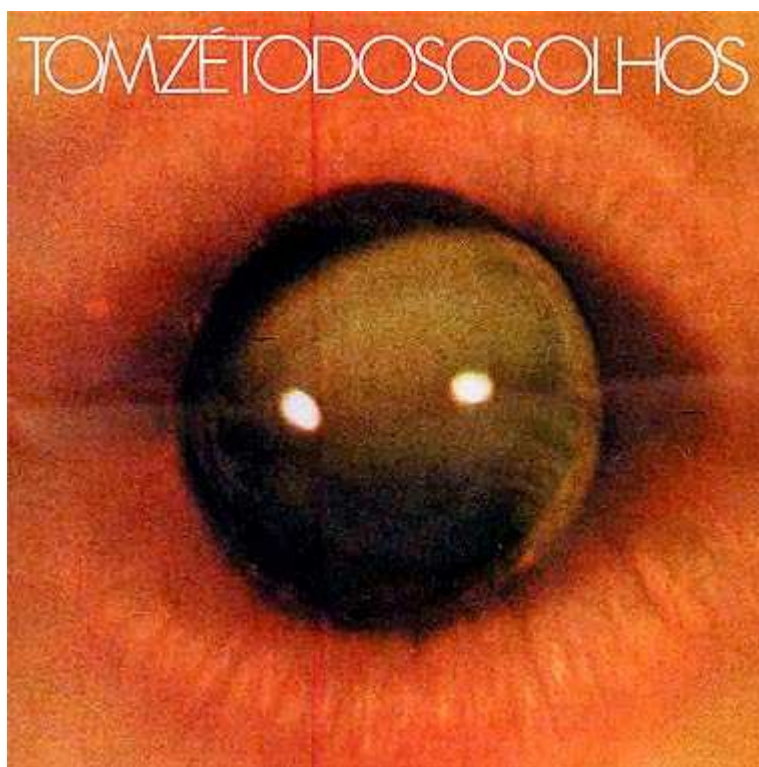
Por ser feita de maneira industrial, nem sempre estas músicas mantinham um padrão de qualidade, pois muitas continham erros de inglês nas letras ou na pronúncia de seus cantores. Por esse motivo não podem ser classificadas, apesar do sucesso de, músicas “sérias”, sendo consideradas, apesar de serem cantadas em outro idioma, música popular.

A diferença da música “séria” em relação a popular é que na música séria: O detalhe contém virtualmente o todo e, leva a exposição do todo, ao mesmo tempo em que é produzido a partir da concepção do todo. Na música popular a relação é fortuita, o detalhe não tem nenhuma influência sobre o todo, que aparece numa estrutura intrínseca. Sendo assim, o todo nunca é alterado pelo evento individual e, por isso, permanece assim. O todo nunca é alterado pelo evento individual e, por isso, permanece à distância, imperturbável como se ao longo da música não tomasse conhecimento dele, ao mesmo tempo o detalhe é mutilado por um procedimento que jamais pode influenciar e alterar, tal modo que ele permanece inconseqüente. Por isso, um detalhe musical impedido de desenvolver-se torna-se uma caricatura de suas próprias potencialidades.

Mas, como todo modismo uma hora tem o seu fim, este também teve o seu. Por volta de 1982 ele já tinha esgotado e todos os seus intérpretes seguiram outros caminhos, como por exemplo Chrystian, Ralf (Don Elliot) e Terry Winter que seguiram pelo gênero sertanejo; Fábio Jr. e Jessé que fizeram sucesso com seus nomes em português. Outros, como Dave Maclean, tornaram-se executivos das grandes gravadoras multinacionais. E ainda tem Malcom Forrest que é dublador das vozes masculinas do Oscar.

CAPÍTULO 3

A MÚSICA EM UBERLÂNDIA NOS ANOS 60 e 70



"Todos os Olhos" - Tom Zé (1973), 2º lugar na enquête.

"Qual a melhor capa da música brasileira", promovida pela Ilustrada.

CAPÍTULO 3

A MÚSICA EM UBERLÂNDIA NOS ANOS 60 e 70

3.1 - OS BAILES E BRINCADEIRAS

A música em Uberlândia sempre teve papel ativo, já que sempre foi utilizada de diversas formas no convívio social. Era através dela que a juventude se divertia nos finais de semana, principalmente nos bailes. Estes bailes eram geralmente organizados e realizados em escolas ou residências particulares, onde o chamado “D.J. dançarino”,¹³ organizava o som para as pessoas se divertirem. Geralmente o “D. J.” ia à loja e comprava os discos para tocar no baile ou, senão, ele mesmo gravava uma fita com a seleção das melhores músicas e baladas do momento para agitar na festa.

Outro detalhe interessante é que na maioria das vezes a pessoa encarregada do som era a que dava a festa ou então aquele que não “remexia as cadeiras” e por isso mesmo era destacado para a tarefa. Geralmente estes bailes seguiam certas normas. Começava com um rock ou outra música que fazia o pessoal dançar, depois uma MPB, em seguida lá pela tantas uma balada romântica para os casais que já namoravam ou que começaram a namorar no baile. Eram nestes bailes que muitos jovens namoravam, encontravam os amigos, punham o assunto em dia e, principalmente, iam para dançar.

Os jovens, além de beber e dançar, também iam para paquerar. Muitos namoros começaram nestes bailes. Os casais dançavam as baladas românticas, trocando “juras de amor”, que muitas vezes duravam somente até o próximo baile.

Mas, o que as pessoas gostavam mesmo era de se divertirem, os bailes neste sentido tinha como função social aproximar as pessoas e, também, como meio de serem notadas e muitas vezes chamar a atenção. Neste sentido a moda tinha um papel muito importante pois as pessoas deixavam de ser anônimas para serem notadas.

¹³ Nome utilizado por Walter Pereira Mendonça o “Valtinho da Discolândia” para designar as pessoas responsáveis pela música nestes bailes.

A menina vestia a sua minissaia, calçava o sapato plataforma, colocava a sua blusinha que era a última novidade comprada na Chic Sai, arrumava o cabelo e esperava o seu namorado. O rapaz, por sua vez, vestia a sua camisa colorida, calça boca-de-sino, e tênis ou sapato, aqueles mais elegantes compravam na Don Fernando e, pronto, estava vestido para festa. Só faltava pegar o seu carrão e cair na farra.

Nestas festas eram executadas as músicas do momento, com as melhores seleções de Jovem Guarda (Roberto Carlos, Os Incríveis, Wanderléia, Renato e seus Blue Caps) rock (Beatles Rolling Stones), samba (Jair Rodrigues, Bete Carvalho), MPB (Chico Buarque, Caetano, Gil), discoteque (Donna Sumer, Tina Charles, As Frenéticas), entre outras.

Entre as músicas algumas que eram muito executadas eram “I love Jet’aime” de Frederico François, “Rock and Roll Lullaby” de B. J. Thomas, “See me Hear me” de Anarchic System, “Only You” de The Platter, “Started a Joke” dos Bee Gees e a clássica e famosa na época “La Decadense”.

Além dos cantores brasileiros, que cantavam em inglês e que faziam o maior sucesso nestes bailes, nomes como os Pholhas, com “My Mistake”, Terry Winter “Our Love Dreams” e Morris Albert com “Feelings”.

Além destes bailes caseiros, existiam os grandes bailes promovidos pelos grandes clubes de tradição da cidade como: Caça e Pesca, Cajubá e Praia e Uberlândia Clube o “Palácio Encantado”. Esses bailes eram luxuosos e contavam com a presença da elite da cidade. Outra característica era as grandes orquestras e cantores que se apresentavam fazendo com que estes bailes fossem diferentes. Estes bailes também tinham uma temática diferente. Os seus realizadores muitas vezes colocavam nomes que se tornavam marcas registradas destes bailes como: Baile da Primavera, das Flores, Noite Italiana, grito de Carnaval do Caça e Pesca. Alguns destes nomes até hoje são lembrados com nostalgia pelos seus frequentadores.

Os bailes eram comuns até o começo da década de 1990. Mas, eles deixaram de ser feitos para dar lugar às festas realizadas em chácaras, onde é cobrada a entrada. Assim restringe os convidados, tornando-se “elitizada”. As pessoas que pagam é que tem o direito de frequentar e assim acaba por se afastar da sua função como espaço onde as pessoas vão para divertir.

3.2 - AS BOATES

As boates, assim como os bailes, tinham um destacado papel social, que era divertir a população. Na virada dos anos 60 para os 70, existiam diversas boates na cidade devido ao papel destacado de Uberlândia como pólo musical da região. Entre estas boates algumas conhecidas são: a Peluna, GEMP (engenharia)¹⁴. Também tinha a do Diretório de Medicina, a Voodoo, que funcionava no Uberlândia Clube, além da Arpeje que era popular e famosa pelos boleros.

Nestas boates tocavam todo tipo de música, como o rock, bossa nova, baladas românticas, sem nenhum preconceito. Nas boates dos Diretórios Acadêmicos de medicina e Engenharia eram onde a juventude se reunia. Na GEMP, por exemplo, com exceção da festa jovem tocava todos os gêneros musicais, desde a bossa nova até moda de viola. O mais interessante é perceber que os estudantes universitários sempre aceitavam tranqüilamente a convivência com outros gêneros musicais. A Voodoo que ficava no Uberlândia Clube era a mais elitista e luxuosa, vivia sempre cheia. Era o local freqüentado pela burguesia local.

A Arpeje era onde a música popular, como os boleros, fazia maior sucesso. Esta boate era freqüentada pelos boêmios e amantes da noite tendo a “Noite dos boleros” o seu principal destaque. Os uberlandenses tinham, portanto, várias opções de boates para dançar conforme o seu gosto.

3.3 - DISCOS

A partir do meio da década de 1960, o cidadão uberlandense passou a conviver com a jovem guarda e seus representantes que começaram a fazer muito sucesso. Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Os Incríveis, Wanderléia, Ronie Von, Renato e seus Blue caps (que também realizaram muitos bailes em Uberlândia) eram os mais tocados nas rádios da cidade. Depois, com o surgimento da Tropicália, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia e Os Mutantes, entre outros, que participaram deste movimento começaram a emplacar nas paradas de sucesso uberlandense.

¹⁴ Esta boate funcionava na Rua Machado de Assis



Roberto Carlos era o mais vendido nesta época. Seu sucesso era tão grande que, em 16 de março de 1966, ele veio para comemorar o aniversário de um ano da loja Discolândia e passou uma semana em Uberlândia, onde fez uma apresentação e depois seguiu fazendo show por toda a região (Araguari, Uberaba e Ituiutaba), consolidando a sua carreira no Triângulo Mineiro. O seu sucesso foi tão grande que abriu espaço para que alguns grupos da região que faziam covers da Jovem Guarda, também brilhassem.

Grande parte da juventude começou a ficar mais interessada na Jovem Guarda, abrindo na cidade um mercado consumidor na cidade e região. Esse mercado vendia tudo relacionado à Jovem Guarda, desde discos e compactos, revistas e roupas. Neste sentido a cultura de massa existente em Uberlândia era muito homogênea já que não tinha características próprias ou originais, pois, assim como em outros cantos do Brasil, os mesmos produtos e músicas eram trabalhados.

Essa cultura de massa não é típica somente do uberlandense e nem tão pouco tomou o lugar de uma cultura “superior”. Ela simplesmente foi se difundindo junto às massas criando o mercado para os que não tinham acesso aos bens de consumo.¹⁵

Na década de 1970 os baianos (Caetano, Gil, Gal e Bethânia), vendiam muito bem, assim como Rita Lee com “Ovelha Negra” que sempre aparecia nas paradas de sucesso uberlandenses.

*“Levava uma vida sossegada
Gostava de sombra e água fresca
Meus Deus, quanto tempo
Eu passei sem saber?*

*Foi quando meu pai me disse:
Filha,*

¹⁵ Umberto Eco, Apocalípticos e Integrados p. 44

*Você é a ovelha negra da família
Agora é hora de você assumir
E sumir !*

*Baby, baby, não adianta chamar
Quando alguém está perdido
Procurando se encontrar
Babe, babe
Não vale a pena esperar
Tire isso da cabeça
E ponha o resto no lugar”*

Outros nomes consagrados como Chico Buarque com a sua música *Construção* e *Deus lhe pague*¹⁶ também vendia bem na cidade.

*“Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico*

¹⁶ As músicas “Construção” e “Deus lhe Pague” eram sempre executadas juntas. Por esse motivo as letras das respectivas acompanham a ordem de em que eram executadas nas rádios.

*Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado*

Deus lhe pague

*Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pelo prazer de chorar e pelo ``estamos aí"
Pela pida no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus lhe pague
Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
Pelo domingo que é lindo, novel, missa e gibi
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
Deus lhe pague
Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscar-bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague”*

Outro cantor de sucesso era o roqueiro Raul Seixas que vendia muito em Uberlândia. Raul em suas letras criticava o modo de vida da sociedade da época em suas letras. Junto com o seu parceiro Paulo Coelho ele escreveu um dos seus grandes sucessos na década de 1970. “Eu nasci a dez mil anos atrás”

“Eu nasci há dez mil anos atrás
E não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais
Eu vi Cristo ser crucificado
O amor nascer e ser assassinado
Eu vi as bruxas pegando fogo
Prá pagarem seus pecados, eu vi
Eu vi Moisés cruzar o Mar Vermelho
Vi Maomé cair na terra de joelhos
Eu vi Pedro negar Cristo por três vezes
Diante do espelho, eu vi ...”



Raul Seixas

Os cearenses Fagner, Belchior e Edinardo também faziam muito sucesso, assim como o paraibano Zé Ramalho com a sua canção que estourou nas paradas “Admirável gado novo”. Mas, segundo Walter Pereira Mendonça, proprietário da Discolândia, o grande sucesso da década a nível nacional foram os Secos & Molhados que venderam milhares de discos chegando a fazer um show na cidade em 1974.



Capa do 2º disco dos Secos & Molhados de 1974

Os cantores brasileiros que cantavam em inglês também tinham uma boa aceitação no mercado. Entre eles, os Pholhas, Morris Albert e Christian eram os de maior vendagem. Com o surgimento da Discoteque estrelas como Donna Summer,

Roberta Kelly, Village People, Tina Charles, Frenéticas Gengis Khan. Mas o grande sucesso desta fase era a música "I Will Survive", de Glória Gaynor"

*"At first I was afraid I was petrified
Kept thinkin' I could never live
without you by my side;
But then I spent so many nights
Thinkin' how you did me wrong
And I grew strong
And I learnt how to get along
And so you're back from outer space
I just walked in to find you here
with that sad look upon your face
I should have changed that stupid lock
I should have made you leave your key
If I'd've known for just one second
you'd back to bother me*

*Go on now, go walk out the door
Just turn around now
(cause) you're not welcome anymore
Weren't you the one who tried to
hurt me with goodbye
Did I crumble
Did you think I'd lay down and die?
Oh no, not I. I will survive
Oh as long as I know how to love
I know I'll stay alive;
I've got all my life to live,
I've got all my love to give and
I'll survive,
I will survive. Hey hey.*

*It took all the strength I had not to fall apart
Kept trying' hard to mend the pieces
of my broken heart,
And I spent oh so many nights
Just feeling sorry for myself.
I used to cry
But now I hold my head up high
And you see me somebody new
I'm not that chained up little person
still in love with you,
And so you feel like droppin' in
And just expect me to be free,
Now I'm savin' all my lovin'
for someone who's lovin' me
Go on now..."*

No cenário do rock internacional, os maiores vendedores de disco¹⁷ eram os Beatles, Rolling Stones, Queen Elvis Presley, Elton John que fez o maior sucesso com a Música “Goodbye Yellow Brick Road”:

*“When are you gonna come down
When are you going to land
”I should have stayed on the farm
I should have listened to my old man*

*You know you can't hold me forever
I didn't sign up with you
I'm not a present for your friends to open
This boy's too young to be singing the blues*

*So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl
You can't plant me in your penthouse
I'm going back to my plough*

*Back to the howling old owl in the woods
Hunting the horny back toad
Oh I've finally decided my future lies
Beyond the yellow brick road*

*What do you think you'll do then
I bet that'll shoot down your plane
It'll take you a couple of vodka and tonics
To set you on your feet again*

*Maybe you'll get a replacement
There's plenty like me to be found
Mongrels who ain't got a penny
Sniffing for tidbits like you on the ground*

*So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl
You can't plant me in your penthouse
I'm going back to my plough*

*Back to the howling old owl in the woods
Hunting the horny back toad
Oh I've finally decided my future lies
Beyond the yellow brick road...”*

¹⁷ Gíria empregada por donos de lojas e locutores para designar os cantores que fazem sucesso.

Os Bee Gees venderam muito também, principalmente na época da discoteque, com a trilha sonora de Saturday Night Fever. Principalmente com a música “Stayin’ Alive”:

*Well, you can tell by the way I use my walk
I'm a woman's man
No time to talk
Music loud and women warm
I've been kicked around since I was born
And now it's all right - it's O.K.
And you may look the other way
We can try to understand
The New York Times' effect on man
Whether you're a brother or whether you're a mother
You're stayin' alive, stayin' alive
Feel the city breakin' and ev'rybody shakin'
and we're stayin' alive, stayin' alive
Ah, ah, ah, ah, stayin' alive*

*Well now, I get low and I get high
And if I can't get either I really try
Got the wings of heaven on my shoes
I'm a dancin' man and I just can't lose
You know it's all right, it's O.K.
I'll live to see another day
We can try to understand the New York Times' effect on man
Whether you're a brother or whether you're a mother
You're stayin' alive, stayin' alive
Feel the city breakin' and ev'rybody shakin'
and we're stayin' alive, stayin' alive
Ah, ah, ah, ah, stayin' alive*

*Life goin' nowhere
Somebody help me
Somebody help, me, yeah
Life goin' nowhere
Somebody help, me, yeah
Stayin' alive... ”*



Cartaz do Filme “Os Embalos de Sábado à noite”

Segundo Walter, proprietário da discolândia, os compactos simples de sete polegadas eram os mais procurados até o final da década de 1960. A partir da década de 1970, o LP começou a equilibrar, disputando palmo-a-palmo o mercado fonográfico. Em 1982 o compacto saiu do mercado e o LP foi predominante até 1986, quando o CD entrou no mercado. Logo em seguida, com o aumento da produção e barateamento dos aparelhos reprodutores de CD, os discos pararam de ser produzidos. E, hoje em dia, o CD começa a enfrentar a concorrência do DVD, que aos poucos vai tomando conta do mercado.

3.4 - PROGRAMAS DE RÁDIO

Existiram vários programas de destaque no rádio uberlandense. Destes programas destaco “O Sucesso que você pediu” com Oduvaldo Caetano. Este programa começou em 1964 na rádio Cultura passando depois pelas rádios Educadora, Uberlândia, e hoje se encontra na América. Ademir Reis, Alcione Alves, Carlos Fernandes também tiveram excelentes programas. Outro programa de sucesso era o do inesquecível Dantas Ruas com “A Crônica que você pediu” da rádio Cultura.

Entre 1966 a 1970 o grande “boom” da época foi o programa apresentado por Paulo Henrique Petri “De olho na turma”. Era um programa que proclamava a juventude uberlandense. Neste programa era lançada a música internacional além de traduzir as letras para o português, fazendo lindos poemas que “apaixonava” a juventude. Foi um sucesso absoluto, inclusive em vendagem de discos, pois ele promovia a música e a pessoa ia à loja para comprar o disco original motivado pela tradução da letra.

O “Placar Discolândia é um sucesso” foi outro programa que fez muito sucesso ficando em evidencia por 17 anos. Neste programa foram lançadas músicas que tornaram-se sucessos regionais atingindo uma grande vendagem de discos. “Discolândia aponta o sucesso” que começou em 1965 executava a cada 55 minutos da hora uma música de sucesso ou o lançamento do dia. Era neste programa que “fabricavam” os sucessos. Segundo Walter Ferreira dono da Discolândia:

“Eu fabricava no sentido de colocar a música em evidência, trabalha-la. Afinal tudo o que é bom e bem divulgado se tem qualidade agrada.”

O rock sempre teve boa aceitação em Uberlândia, tanto é que após a primeira vez que Roberto Carlos fez show na cidade e, motivados pelo sucesso de sua apresentação, foi inaugurado em junho de 1966 no Cine Teatro Avenida¹⁸ o programa “Nossa Jovem Guarda”. Com apresentação de Ademir Reis, Paulo Henrique Petri e Jorge Marciano. O programa era transmitido em cadeia local pelas rádios: Cultura e Bela Vista todos os sábados das 14:00 às 16:00. O programa durou de 1966 até 1968.

Era trazido de São Paulo sempre um grande artista que estava em evidência na época como: Wanderley Cardoso, Os Vips, Wandeléia, Erasmo Carlos, Renato & seus Blue Caps, Ronie Von, Martinha e outros mais. Além de abrir espaço para os

¹⁸ O Cine Teatro Avenida ficava onde hoje é o Bingo Bristol na Avenida Afonso Pena.

artistas da região como: The Fantomas, Os Ringos, Os Anjos Negros de Tupaciguara, Os Jovens, As Rebeldes, Nalva Aguiar e Vanusa.

O programa terminou porque o gerente do Cine Avenida resolveu não liberar mais o cinema para realização de shows ao vivo. Do Cine Avenida o programa foi para o Uberlândia Clube. Mas, também não deu certo porque o palco ficava no segundo piso e a galera gostava de ficar mais a vontade. Logo em seguida o programa passou a ser transmitido direto do Colégio Liceu de Uberlândia¹⁹, que tinha um grande e amplo galpão. Foi realizado muitos shows, mas, segundo relatos, não tinha uma boa acústica para transmitir um programa de rádio.

Esta é, em parte, a história musical de Uberlândia. Assim como em outros centros urbanos o rock e seus subgêneros também tiveram grande influência na cidade. A americanização da nossa música também teve a sua importância na cidade. A partir do lançamento da pioneira do rock Celly Campelo, Uberlândia também mudaria o seu modo de ser. Largou de ser uma cidade com ares de interiorana para acompanhar a mudança de mentalidade que o rock provocaria principalmente na juventude.

¹⁹ O Colégio Liceu ficava no local onde é hoje a Caixa Econômica Federal, na Praça Rui Barbosa em frente ao fórum.

CONCLUSÃO

Ao enfocar a influência estrangeira no Brasil, pude perceber que o rock foi, sem dúvida nenhuma, o gênero que mudou o modo de ser de toda a sociedade, já que ele conseguiu aliar em torno de si, a Indústria cultural com a de massas. Foi utilizado por vários movimentos que surgiu a partir dele como: as músicas de protesto dos anos 60, o punk do final dos 70, entre outros. O rock também influenciou na moda e foi um grande vendedor de produtos que abasteceram as massas.

No Brasil não foi diferente, pois ele também influenciou diversos cantores e gerações que passaram a adotá-lo como objeto de protesto, principalmente nos anos 70 com Raul Seixas. As baladas, um subgênero do rock, foi o que influenciou alguns cantores nacionais a cantarem em inglês, pois era bem aceito no mercado.

Esse é o poder do rock, derrubar barreira e adaptá-las às suas necessidades, por esse motivo é o gênero dominante do final do século XX e começo do XXI. A sua capacidade de estar sempre se renovando, desde o começo da década de 1950, é sem dúvida impressionante.

Em Uberlândia não foi diferente, assim como no resto do país o rock chegou para ficar. É lógico que nós temos a nossa música regional, assim como nossas próprias características.

Vimos como o rock surgiu e como ele se alastrou pelo mundo, surgiram os ídolos máximos do Movimento como Janis Joplin e Jimmy Hendrix. O rock é pródigo em construir ídolos que são identificados pelas massas, principalmente jovens, como seu legítimo representante. Senão como podemos explicar o seu predomínio sobre os outros gêneros, inclusive sobre a música dita de boa qualidade, a clássica, por exemplo.

Temos que conviver com essa influência da melhor forma possível, não podemos ser radicais, já que os americanos também são grandes consumidores da nossa música, admirando inclusive muitos cantores brasileiros e principalmente a Bossa Nova. Eles também estão sendo invadidos pelos ritmos latinos e caribenhos que estão dominando as paradas de sucesso.

Concluindo, eu acho que não existe lugar para o radicalismo. Assim como não existe uma música cem por cento que agrada a todos, pois o gosto individual

sempre vai sobressair sobre todos os aspectos. Como me disseram alguns entrevistados, não existia nada melhor na década de 1970, do que ir a um baile, porque ali era um local de encontro, onde todos os gêneros musicais eram tocados e respeitados. Sem demagogia, do tipo este gênero é melhor do que aquele, ou vice-versa.

Espero que minha pesquisa tenha colaborado para que a discussão prossiga de forma equilibrada, assim como não procurei tomar nenhum partido de gênero musical nenhum.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. **Adorno** (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1989.

ECO, Umberto, **Apocalípticos e Integrados**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HABERT, Nadine. **A Década de 70 Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. **História social do jazz**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BAHIANA, Ana Maria. **Nada será como antes – MPB nos anos 70**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O Mito no rádio: a voz e os signos de renovação**. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 1999.

JAMBEIRO, Othon. **Canção de massa: As condições da produção**. São Paulo: Pioneira, 1975.

Moby, Alberto. **Sinal Fechado – a música popular brasileira sob censura**. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1994.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes, **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990

SITES;

Secos & Molhados

www.uol.com.br/secosemolhados

www.novacultural.de/030150m.html

www.uol.com.br/encmusical - Enciclopédia Musical Digital Folha on-line

Tropicália

www.uol.com.br/tropcalia

BRÁULIO SEVERINO FERREIRA

ERRATA

**A “AMERICANIZAÇÃO” DA MÚSICA BRASILEIRA NA
DÉCADA DE 1970**

RESUMO

A minha pesquisa é sobre a influência americana na nossa música. Como foi que aos poucos ela foi se incorporando no nosso cotidiano, chegando a influenciar alguns cantores na década de 1970 que passaram a gravar em inglês. Assim sendo, para a minha pesquisa resolvi falar sobre o rock, que foi o gênero dominante a partir da metade do século XX. Para tanto a minha pesquisa foi dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo analiso a trajetória do rock desde o seu começo até a sua supremacia no final dos anos 60, e como a Indústria Cultural utilizou-se dele para vender os seus produtos.

No segundo analiso a trajetória do rock no Brasil, e a sua influência, nos diversos movimentos musicais brasileiros como: Jovem Guarda e Tropicália. Além dos cantores dos anos 70, que gravaram em inglês.

No terceiro capítulo, analiso essa influência em Uberlândia nas décadas de 1960 e 70. Através dos bailes, boates os discos mais vendidos e os programas de Rádio da época.

INTRODUÇÃO

Desde o início do curso de História, eu estava querendo trabalhar com um tema sobre a cultura de massas e a Indústria Cultural. A princípio cogitei trabalhar os quadrinhos como meio de comunicação de massas, e a influência dos roteiristas ingleses: Alan Moore¹, e Grant Morrison² e a forma poética e adulta que trabalham os quadrinhos. Mas, acabei abandonando o projeto por achar que não era ainda o momento apropriado para trabalhá-lo.

A escolha “americanização” da música brasileira ocorreu de forma interessante. Durante uma visita de rotina que faço sempre ao meu compadre Francisco comecei a ouvir uma música que me era familiar. Era “She made my cry” do Pholhas. Perguntei a ele onde tinha conseguido a música e ele me disse que fazia parte de uma coleção dos anos 70 com músicas que fizeram muito sucesso na época. Mas, o que me chamou a atenção é que, ao ler o encarte, constatei que se tratavam de músicos brasileiros que cantavam em inglês. O nome da coleção era “Hits again”.³ Nomes populares como: Fábio júnior, Jessé e outros, que como eles seguiram a carreira cantando em português, eram nomes certos desta onda, além de outros menos conhecidos que acabaram ficando no ostracismo, após o fim deste modismo.

Movido pela curiosidade, comecei a coletar dados sobre a época, o que me fez descobrir ser relativamente comum alguns cantores lançarem músicas em inglês e essa aceitação, por incrível que pareça, também ocorria de forma natural entre os jovens da década de 1970. Para minha surpresa nunca tinha me tocado a respeito dessa “americanização” ocorrida nos anos 70. Essa “americanização” fez muito sucesso, principalmente em bailes nos anos 70, onde tais músicas eram difundidas, além das

¹ Roteirista inglês que produziu algumas obras com temática adulta para os quadrinhos de super heróis. Entre seus trabalhos destaco: Watchmen obra que discute como seria se os heróis existissem no mundo real e as consequências apocalípticas que provocariam. É considerada a mais importante obra dos quadrinhos. Foi lançada a 1ª edição pela a Editora Abril em novembro de 1988. A segunda foi lançada em fevereiro de 1999. Além desta obra ele trabalhou em outras como: V de Vingança, Monstro do Pântano, Para o homem que tem tudo, Batman: A piada mortal entre outras.

² Grant Morrison é escocês e também roteirizou grandes obras como: Os Invisíveis, Patrulha do Destino: saindo dos escombros, Homem-Animal, entre outras. O seu trabalho consiste em usar a metalinguagem muitas vezes confrontando o autor com o personagem. É especialista em criticar a arte, e os meios de comunicação em massa que alienam as pessoas. A sua obra prima é Os invisíveis, onde ele trabalha com teorias de conspiração e mensagens subliminares. Seus personagens são anarquistas que combatem esses conspiradores.

³ Coleção lançada pela Globodisk em 2000, onde reunia os maiores sucessos desses cantores na época, década de 1970.

rádios e outros meios de comunicação, o que vem de encontro com a minha idéia inicial de trabalhar com a comunicação em massa.

Veio me ocorrer depois, que essa “americanização” vem desde o começo da década de 1960 com o surgimento do rock. Desde o momento em que o rock desembarcou no Brasil, esse gênero musical começou a modificar o modo de agir e pensar da juventude brasileira.

A música popular brasileira é, sem dúvida nenhuma, um patrimônio nacional. Só que por mais que se ressalte essa “brasilidade” pura, a nossa música ainda é alvo de modismos e da influência de outros estilos que a deixa com um aspecto estranho. Vale ressaltar que a Indústria Cultural também é responsável por esses modismos (americanização) já que é muito mais fácil ingressar no mercado fonográfico com um rótulo americano. Outro fato que me ajudou bastante a trabalhar com o tema é o fato de ter feito um seminário que tinha o mesmo título da minha monografia na disciplina de Estudos Alternativos em História Contemporânea, com o Prof. Newton Dângelo onde trabalhei com a influência estrangeira, desde o começo do século XX até meados da década de 1970, e discuti também a respeito de versões de músicas que ao serem adaptadas faziam muito sucesso por aqui, aumentando ainda mais o mercado fonográfico para este estilo musical no Brasil.

Também procuro em minha monografia retratar como essa influência estrangeira ocorreu em Uberlândia e os meios de divulgação como: programas de rádio, boates e bailes onde essa música era disseminada. Para compreender melhor não só à nível de Uberlândia, mas também nacional, utilizei diversas fontes de pesquisa. Nestas pesquisas trabalhei com discos, fitas, CDs, e principalmente com letras de algumas músicas que achei interessante para a pesquisa. Cito neste trabalho alguns grupos ou cantores que talvez muitos não conheçam, mas, que tiveram importância para o rock e seus subgêneros.

Trabalhei também com o texto do Adorno: “Sobre musica popular”,⁴ em que ele discute a qualidade musical e seus diversos níveis de entendimento e de que forma essa música é utilizada pela Indústria Cultural e como ela é absorvida pelas massas através da standardização dos “hits”.

⁴ ADORNO, T. W. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986

Outro autor que utilizei como base da minha pesquisa foi Umberto Eco⁵ e o seu texto “Cultura de massa e níveis de cultura” onde ele discute o conceito de “mass média” e a sua influência sobre a cultura de massa e como ela é incorporada de modo homogêneo às massas.

Na parte de Uberlândia, trabalhei com entrevistas de pessoas que viveram e presenciaram os fatos ocorridos nas décadas de 1960/70. Pessoas “anônimas” como: Paulo César da Cruz, fã de Roberto Carlos, Marli Kakoi e José Divino de Moura, que eram freqüentadores dos bailes “caseiros”. Além dessas pessoas entrevistei também Walter Pereira Mendonça, o “Valtinho da Discolândia”, proprietário de loja de disco desde 1965.

Também procurei entrevistar outras pessoas que presenciaram esta época e que certamente contribuiriam muito mais para a minha pesquisa como: o Sr. Antonio Pereira, Colecionador/Historiador da música e Maurício Miguel de Freitas, comerciante, ex-puxador de Escolas de samba e organizador de bailes e rodas de samba na Vila Saraiva nos anos 70. Mas, infelizmente, devido a falta de tempo deles por estarem com a agenda ocupada e também devido ao prazo de entrega da monografia, não pude entrevistá-los.

Porém não vou fugir das minhas responsabilidades como Historiador já que com exceção de Walter Pereira Mendonça, que contribuiu com informações e dados mais precisos, eu trabalhei com pouca informação concreta, já que os demais entrevistados lembravam de músicas, do funcionamento da sistemática dos bailes e boates, mas, devido à falta de memória ou confusão com uma ou outra determinada informação em que, não sabiam apontar com precisão fatos ou detalhes de meu interesse. Além dos livros, entrevistas e letras de músicas, optei também trabalhar com ilustrações de fotos e capas de discos no intuito de enriquecer minha pesquisa para que o texto e a ilustração pudessem complementar um ao outro.

Para um melhor estudo dessa “americanização”, a pesquisa foi dividida em três partes: No primeiro capítulo, faço uma análise do surgimento do rock e como desde o seu princípio até a sua consolidação como gênero musical dominante no final dos anos 60. Os seus pioneiros, (Elvis Presley, Bill Halley) e os grupos que revolucionaram o mercado musical como os Beatles. Analiso também, como a Indústria Cultural utiliza

⁵ ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976

o mercado consumidor para vender o rock e, sua utilização como meio de conscientização dos jovens a partir dos anos 60.

No segundo capítulo, analiso o nascimento do rock no Brasil. Os pioneiros como: Celly Campelo, o nascimento da Jovem Guarda, que por consequência o nascimento de um mercado consumidor no país. A Tropicália e seus intérpretes, o começo dos anos 70 e a ditadura militar.

Neste mesmo capítulo faço uma análise sobre os cantores brasileiros que faziam sucesso em inglês como: Morris Albert, Christian e também como o mercado absorvia este tipo de música.

No terceiro capítulo, analiso os bailes em Uberlândia, algumas boates que as pessoas freqüentavam na época. Os cantores que mais vendiam nos anos 60/70. E também alguns programas de rádio que faziam sucesso neste período.

Espero que este trabalho traga subsídios para novas discussões sobre leituras no campo da Indústria Cultural e comunicação de massa. Peço desculpas se por acaso o meu texto apresente alguma falha, ou fique com a sensação que poderia render mais. Infelizmente tive alguns problemas extracurso, que acabaram dificultando como, o fato de trabalhar no comércio.

Mas, fica a minha promessa de continuar a minha pesquisa com o mesmo tema possivelmente, no mestrado. Porque esse é um tema que tem muito que ser discutido.

CAPÍTULO I

ROCK: O GÊNERO QUE MUDOU

O MUNDO

1.1 - A INFLUÊNCIA DO ROCK

O rock teve sua origem nos ritmos negros como o Jazz, Rythm'n'blues, Gospel⁶ e Ballad, que foram levados pelos negros americanos que vieram do sul; para ajudar na produção crescente no norte dos Estados Unidos após a segunda Guerra Mundial.

No começo esses gêneros não atingiam em grande quantidade o público branco que estava mais acostumado com seu próprio estilo musical em que predominava as grandes orquestras. Contudo, essa busca pelo trabalho acabou por desenvolver um poderoso mercado consumidor e, também, modificou os padrões da indústria fonográfica em todo o mundo.

Em 1945, surge as primeiras casas especializadas no mercado negro da música, além de estações de rádio que se especializaram na divulgação dessas músicas. Destaque para os gêneros Blues e Country de origem do Memphis e Mississipi que tinham como características as letras faladas e ritmos espontâneos, o que ajudou a ganhar os centros urbanos deixando o estigma de ser apenas ritmos de dança de negros da periferia, da roça, de caipira. Foi nesta época o apogeu de B.B. King, Lloyd Price e Fats Domino, por exemplo.

Contudo a música negra a entrar maciçamente no mercado branco com suas duas formas: Gospel e Ballad.

A primeira era praticada por negros evangélicos, nas suas igrejas, num estilo onde o tom vocal melancólico de súplicas e de origem africana se misturava com uma harmonia tipicamente branca. A segunda com características próximas da primeira facilmente conquistou o mercado branco, devido ao seu ritmo atenuado e seus diálogos vocais cantados em solo. Como representantes desses gêneros cito:

⁶ Alguns pesquisadores como Hobsbawm no livro História Social do Jazz utiliza o termo Spirituals no lugar de Gospel

Midnighters, Driters e five Royals (Gospel); Moolighters, Flamingos e The Platers (Ballad).

Entretanto, um fato interessante que passou a ser fundamental foi a prática do cover para a invasão definitiva do mercado. Esse cover era uma adaptação, feita por cantores na sua maioria branca, de músicas negras, alterando as suas letras para que pudessem ser aceitas pelo público branco. Um dos responsáveis que fez a juventude branca adquirir em massa milhares de discos de rock que passaram a ser produzidos em massa foi: Bill Halley ele foi responsável pelo primeiro rock de sucesso: “Rock around the clock” de Max C. Freedman & Jimmy de Knight (1954).

*“One, two, three o'clock, four o'clock, rock,
Five, six, seven o'clock, eight o'clock, rock,
Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock, rock,
We're gonna rock around the clock tonight.*

*Put your glad rags on and join me, hon,
We'll have some fun when the clock strikes one,
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When the clock strikes two, three and four,
If the band slows down we'll yell for more,
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When the chimes ring five, six and seven,
We'll be right in seventh heaven.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When it's eight, nine, ten, eleven too,
I'll be goin' strong and so will you.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight.*

*When the clock strikes twelve, we'll cool off then,
Start a rockin' round the clock again.
We're gonna rock around the clock tonight,
We're gonna rock, rock, rock, 'til broad daylight.
We're gonna rock, gonna rock, around the clock tonight”*

As gravadoras independentes conseguiram colocar os seus hits de vendagem nas paradas de sucesso alcançando a espantosa cifra de 20% dos dez mais vendidos em 1955, enquanto as grandes gravadoras achavam que seria apenas mais uma “moda passageira”. Foi apenas em 1956 que elas perceberam o fenômeno que era o rock.

Algumas das gravadoras marginais que fizeram sucesso na época foram: Atlantic, Sun Records e Jubilee entre outras.

O interessante é que foi da Sun Records de Memphis que a RCA Victor contratou Elvis Presley, adquirido por 30 mil dólares e um Cadillac. Presley contribuiu com um gênero conhecido como Country rock e sua variação o Rockabilly. Elvis foi a síntese perfeita dos elementos da música branca com o rhythm and blues, com a sua voz rouca e sensual, contribuindo também para a ascensão de rock'n'rollers negros. Ele acabou vendendo mais de 100 milhões de discos, consolidando definitivamente o gênero musical nos quatro cantos do mundo e, a partir de 1965 o rock passou a ser o gênero musical dominante. Com músicas como “Kiss me Quick” entre outras acabaram por consolidá-lo como ícone do rock mundial.

*“Kiss me quick, while we still have this feeling
Hold me close and never let me go
'Cause tomorrows can be so uncertain
Love can fly and leave just hurting
Kiss me quick because I love you so
Kiss me quick and make my heart go crazy
Sigh that sigh and whisper oh so low
Tell me that tonight will last forever
Say that you will leave me never
Kiss me quick because I love you so
Let the band keep playing while we are swaying
Let's keep on praying that we'll never stop
Kiss me quick just can't stand this waiting
'Cause your lips are lips I long to know
Oh that kiss will open heaven's door
And we'll stay there forevermore
Kiss me quick because I love you so”*

Essa “americanização” também influenciou, além da música, a moda, visto que os jovens passaram a imitar os seus ídolos no modo de se vestir, andar e, também, no comportamento. A moda, assim como a indústria cultural, revela uma grande capacidade de se transformar conforme a sua própria conveniência para se ajustar às exigências do mercado.

As agências de propaganda, estúdios de criação de moda, produtoras de vídeo e gravadoras, apropriou-se da moda para interpretar o conteúdo ideológico, das roupas, adereços, cabelos, postura, gestos, expressões, estilos musicais e tudo o que for útil para torná-la, um produto coerente ao nível das massas.

Com essa postura, a Indústria Cultural desarticula o princípio fundamental da vestimenta e de uma manifestação artística, tornando-a um mero produto de consumo que não dura mais do que um determinado tempo sendo, a seguir, descartada.

O próprio gênero rock quando começou a se disseminar no mundo, a partir dos anos 50, contribuiu para que a sua influência fosse utilizada pela indústria cultural com propósitos alheios à sua vocação original. Ela passou a ilustrar as trilhas sonoras de roupas, bebidas etc. Assim como, independente de sua origem e nacionalidade, possibilitou aos jovens a incorporação de transformações do comportamento.

O rock permitiu também que novos estilos e modos de ouvir música fossem incorporados pelas massas. Tanto é que este gênero passou também a ser associado aos movimentos de protestos tais como: o hippie, o punk etc. Além de ser utilizado de forma ideológica em diversos concertos, como o realizado em favor das vítimas da fome na Etiópia.

Outro fato importante é que não apenas os discos, mas, tudo o que é relacionado ao artista é consumido de forma assombrosa pelos fãs, tornando um processo de produção que interessa muito mais à indústria fonográfica e de consumo, do que a sua própria criação musical que fica em segundo plano. Ela passa a ser utilizada para vender produtos aos consumidores e, com isso, o próprio gênero rock transforma-se num objeto da mídia, ou seja, um chamariz para a mercadoria à venda.

O rock nesta perspectiva só é consolidado como gênero musical a partir do momento em que a Indústria Cultural (vide moda e fonográfica) apropriou-se dele e o tornou um produto de mercado que vive da exploração sistemática da música jovem.

A utilização publicitária do rock possibilitou uma ilustração sonora do produto, sendo que ela pode ser uma composição específica ou já conhecida ajudando na venda de produtos inclusive aqui no Brasil onde, uma série de propagandas do cigarro Hollywood e do jeans Levis, influenciou ainda mais a massa que acabou por absorver essa “americanização” de forma homogênea.

Outro fato interessante que ocorreu com a massificação do rock foi em relação à vestimenta que deveria ser consumida de acordo com as condições de abrigo e agasalho, mas, que acaba seguindo a tendência do mercado de consumo. Os fabricantes acabam por modificar o que o ídolo veste e com o seu toque pessoal acaba produzindo peças que fazem o sentido de costume perder a sua própria identidade.

O mercado cultural segundo Tupã Gomes Correia⁷: “São padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma sociedade”. Daí “porque todas as práticas sociais, inclusive do consumo são culturais”. Por isso o mercado é em última instância, uma decorrência da cultura porque agrega todo um conjunto de pessoas motivadas por um mesmo objetivo de consumir.

O mercado cultural acaba assim sendo dimensionado por elementos circunstanciais, fazendo do mesmo um espaço onde o consumo de produtos ocorre, menos em função da materialidade das mercadorias do que em função do sentido que elas assumem ao serem adquiridas.

Segundo Tupã:

“O rock pode ser definido como gênero de música pelo qual é estabelecido um limite de confronto com os padrões sonoros convencionais diante, do preenchimento de todas as possíveis extensões entre a forma e o conteúdo além, de propor uma ruptura do tradicional, usual e do que pode ser estabelecido, assim como, dos discursos auxiliares e não necessariamente sonoros”.

Com essa definição podemos dizer que o rock tem tudo a ver com a rebeldia, e assim talvez explique o porque dos seus autores e intérpretes ostentem a massa da juventude. Essa juventude acaba por ser maleável contribuindo para o descomprometimento das tradições, valores e padrões sociais.

Enquanto outros gêneros carregam essa marca, o rock se utiliza do fato de ter o respaldo com o movimento de protesto fazendo dele seu principal meio de difusão. Ou seja, ao mesmo tempo em que serve de linguagem para esses movimentos, estes mesmos o difundem pelo mundo.

O que é mais interessante é que o rock ao ser utilizado pela periferia como movimento de protesto acaba desenvolvendo um estilo próprio ao tornar-se conhecido, desencadeando a massificação no tocante a música de origem. E, para a sua própria ironia, ao ser massificado acaba contribuindo para a reprodução comercial, fugindo de sua origem de oposição ao sistema. E quanto mais o rock é utilizado pela indústria cultural, mais ele se afasta de sua origem de gênero musical tornando-se um produto massificado. A partir da década de 1950, o sucesso da música negra acaba coincidindo

⁷ CORRÊA, Tupã Gomes, “Rock nos passos da moda. Mídia, Consumo X Mercado Cultural” Campinas: ed. Papirus, 1989

com os conflitos raciais nos Estados Unidos, fazendo a música caminhar para a sua politização.

Nos Estados Unidos, diante de um quadro social-político agitado, o rock começou a perder prestígio para um outro tipo de música, baseada na canção folclórica norte-americana que acabou servindo como forma de protesto e expressão da juventude universitária no país. Era a: folk song, que apela para a consciência política dos estudantes principalmente aqueles que estavam engajados nas lutas estudantis. Esse renascimento da música folk americana teve como suas principais estrelas Joan Baez e Bob Dylan.

Principalmente com o aparecimento de Bob Dylan em 1962, surgiu a canção de protesto (protest song) como um desdobramento da onda folk. Ele utilizava-se da base folk para retratar em letras atuais a situação da época como: racismo, militarismo, e a corrida armamentista, assuntos que não eram abordados na época. Entre suas canções deste período destaco “Blowin’ in the Wind”, de 1963, que se tornou hino do movimento pelos direitos civis dos negros americanos.

*“How many roads must a man walk down
Before you call him a man?
Yes, 'n' how many seas must a white dove sail
Before she sleeps in the sand?
Yes, 'n' how many times must the cannon balls fly
Before they're forever banned?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind
How many years can a mountain exist
Before it's washed to the sea?
Yes, 'n' how many years can some people exist
Before they're allowed to be free?
Yes, 'n' how many times can a man turn his head
Pretending he just doesn't see?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind.
How many times must a man look up
Before he can see the sky?
Yes, 'n' how many ears must one man have
Before he can hear people cry?
Yes, 'n' how many deaths will it take till he knows
That too many people have died?
The answer, my friend, is blowin' in the wind,
The answer is blowin' in the wind.”*

E, no começo da década de 1960 são lançados os Beatles e os Rolling Stones. O interessante é que a assimilação da música negra pelos britânicos possibilitou a mediação entre música e mercado já que no local em que elas surgiram não havia

qualquer conflito racial. Em 1965, por exemplo, os Beatles invadem os Estados Unidos através da televisão. Com LPs clássicos, os Beatles foram um verdadeiro laboratório de influências que abordavam desde música folclórica, eletrônica, passando pela oriental a mensagens existenciais contidas em suas letras como: “Lucy In The Sky With Diamonds”.⁸

*“Picture yourself in a boat on a river,
With tangerine trees and marmalade skies
Somebody calls you, you answer quite slowly,
A girl with kaleidoscope eyes.
Cellophane flowers of yellow and green,
Towering over your head.
Look for the girl with the sun in her eyes,
And she's gone.
Lucy in the sky with diamonds.
Lucy in the sky with diamonds.
Lucy in the sky with diamonds.
Ah... Ah...
Follow her down to a bridge by a fountain
Where rocking horse people eat marshmallow pies,
Everyone smiles as you drift past the flowers,
That grow so incredibly high.
Newspaper taxis appear on the shore,
Waiting to take you away.
Climb in the back with your head in the clouds,
And you're gone.
Picture yourself on a train in a station,
With plasticine porters with looking glass ties,
Suddenly someone is there at the turnstyle,
The girl with the kaleidoscope eyes.”*

⁸ **Interpretação de LITSWD de acordo com John Lennon:**

Uma tarde em 1967, **Julian Lennon** chegou em casa vindo do jardim de infância com um desenho que ele disse que era da sua colega de classe de 4 anos, chamada **Lucy O'Donnell**. Explicando sua criação artística para o pai, Julian descreveu-a como sendo *Lucy* - “no céu com diamantes”. Esta frase fixou-se na mente de John e provocou o fluxo de associações que conduziram à composição da fantasiosa **Lucy In The Sky With Diamonds**, uma das canções do álbum “**Sgt. Peppers's**” dos Beatles que recebeu atenção especial da mídia porque pensava-se que era “sobre drogas”. Embora seja improvável que John Lennon teria escrito tal peça de fantasia sem jamais ter experimentado alucinógenos, esta canção foi igualmente afetada por seu amor pelo surrealismo, pelos jogos de palavras e pelo trabalho do escritor **Lewis Carroll** (autor de “*Alice No País Das Maravilhas*” e “*Através Do Espelho*”). A sugestão que a canção era a descrição de uma “viagem” de LSD pareceu ser substanciada quando notou-se que as iniciais do título soletravam LSD (Lucy + Sky + Diamonds). Ainda assim, John negou veementemente e entrou em detalhes em entrevistas sobre as drogas que ele tinha usado. Ele insistiu que o título tinha sido tirado do que Julian disse sobre seu desenho e alegou que as imagens alucinatórias na canção foram inspiradas numa passagem do livro “*Através do Espelho*” de Lewis Carroll, onde Alice é levada por um rio num barco a remos pela Rainha, que repentinamente transformou-se numa ovelha.

Enquanto no próprio Estados Unidos o rock passou a ser considerado um gênero típico de adolescente e que ocasionalmente voltava-se para o Blues e Country. Foi nesse momento que surgiu: Jimmy Hendrix, Crosby Still an Nash, Jefferson Airplane e outros da geração “Woodstock”. Outro gênero que surgiu também nesta época foi a Soul Music, liderada por James Brown, Etta James e Salomon Burke entre outros.

Com a morte dos ídolos revolucionários do rock, como Jimmy Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison e com o fim dos Beatles, os seguidores do movimento acharam que ele tinha se esgotado e começaram a medir esforços para dotá-lo do status de música instrumental. Esses esforços são caracterizados pela fusão do rock, Jazz e música clássica que levou o nome de “fusion”, também conhecido como rock progressivo, de conjuntos como Gênesis, Moody Blues, Yes, Supertramp, Pink Floyd e outros. Além do chamado rock pesado, antecessor do heavy metal, com Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath e Nazareth.

Destes grupos destaca-se, pelo início do movimento, o conjunto Moody Blues que em 1967 produz o clássico “Days of future passed”, com a Orquestra Sinfônica de Londres sendo que a música “The Night White in Satin”, de Justin Hayward representou o casamento deste novo estilo;

*“Nights in white Satin
Never reaching the end
Letters I've written
Never meaning to send
Beauty I'd always missed
With these eyes before
Just what the truth is
I can't say anymore
Cause I love you
Yes I love you
Oh, How I love you
Gazing at people
Some hand in hand
Just what I'm going through
They can't understand
Some try to tell me
Thoughts they cannot defend
Just what you want to be
You will be in the end
And I love you
Yes I love you
Oh, How I love you
Nights in white satin
Never reaching the end*

*Letters I've written
 Never meaning to send
 Beauty I've always missed
 With these eyes before
 Just what the truth is
 I cant say any more
 Cause I love you
 Yes I love you
 Oh, How I love you*

*Breathe deep the gathering gloom
 Watch lights fade from every room
 Bedsitter people look back and lament
 Another day's useless energies spent
 Impassioned lovers wrestle as one
 Lonely man cries for love and has none
 New mother picks up and suckles her son
 Senior Citizens wish they were young
 Cold hearted orb that rules the night
 Removes the colours from our sight
 Red is Grey and Yellow, White
 But we decide which is right
 And which is an illusion???"*

É necessário salientar que muito além do papel de expressão política desempenhada pela música em seus diversos gêneros e como elemento estimulante para o consumo, encontra-se o seu papel como expressão social de lazer e entretenimento. Especialmente como diversão popular básica realizando um significativo caminho para a dança, que foi ofuscado por causa da elitização que envolveu a música após o estilo progressivo, que a afastou desse papel para a dança.

Como podemos ver, o rock tem uma grande variedade de estilos, que justificam as múltiplas rupturas produzidas por si mesmo. Esses estilos, por sua vez, mostram uma variada discografia que representa todas as tendências que tiveram em evidência desde a sua origem.

Foi a partir de Elvis Presley que o rock provocou o maior impacto na música americana. Essa influência também chegou aqui, até o ponto de vermos que ele tem muitos fãs aqui no Brasil.

Só que a grande evidência do rock como gênero musical deve-se ao feito de ter surgido como expressão do desacordo de uma geração jovem com os padrões que existiam na época, utilizando também os gêneros anteriores que já vinham sendo utilizados como manifestação de protesto ou desacordo social.

Tais como os movimentos políticos e sociais da década de 1960, que também refletiu no Brasil, percebendo-se que o rock era adequado para as linguagens de protesto que começavam a delinear, além de inconformismo, aglomerando uma grande quantidade de jovens com os mesmos ideais.

Todavia os seus interpretes passaram a apresentar-se como rompedores dos costumes e tradições, estampados nas suas roupas, que nada mais era do que uma reprodução da mídia.

Tão logo esses intérpretes insurgiram contra os padrões existentes, reformulando sua forma de apresentar-se, a Indústria Cultural através da mídia os transformaram em produto de consumo em escala.

Por isso a indústria cultural, através do mercado de discos, acaba utilizando-o como produto de massa, ela também contribuiu para a “americanização”, pois o jovem brasileiro tende a se vestir e copiar os gestos do seu ídolo do rock. Não só acaba ajudando no rompimento de seu padrão cultural, mas, também nos leva a crer que é um processo natural, já que o discernimento desse gênero, entre todas os outros foi o que mais influenciou a nossa música. As baladas românticas dos anos 70 eram, em grande parte, influenciadas pelas baladas americanas açucaradas, que contribuíram para que fossem absorvidas de modo mais homogêneo pela cultura de massa que é regida pelas leis da economia de mercado.

Mas, essa massificação só foi possível graças ao trabalho da Indústria Cultural que fabricou esses ídolos incentivando essa invasão cultural. Tendo o disco como ponto inicial, a gravadora assume o papel de entidade mais ativa e dominante da indústria cultural, uma vez que ela é quem torna conhecida as músicas gravadas e, também, faz sua divulgação em outros veículos do sistema como a televisão e o rádio que são essenciais para a divulgação do disco.

CAPÍTULO 2

A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA NA MÚSICA

POPULAR BRASILEIRA

2.1 - A INFLUÊNCIA DOS RÍTMOS

A polêmica sobre a influência estrangeira na nossa musica vem, já há algum tempo, despertando a ira dos nossos representantes, pois para eles essa “americanização” acaba por deixar ainda mais restrito o mercado musical para os nossos músicos.

É interessante saber que muito do que aqui consumimos, em relação à música, vem das multinacionais que saturam o mercado com cantores estrangeiros, o que fica muito mais barato para elas já que chegam aqui com a matriz pronta e só tem o trabalho de imprimir a capa dos CDs, sem impostos alfandegários e a preços mínimos, gerando uma concorrência desleal ao que é criado aqui.

Outra fonte de concorrência desleal é a promovida pelas rádios, onde muitos comunicadores inescrupulosos são aliciados pela famosa propina chamada “jabaculê”, onde o mesmo na sua programação divulga uma determinada música promovendo o seu “sucesso” perante a mídia, enquanto muitos dos nossos cantores não têm sequer um veículo para divulgar a sua música, restringindo ainda mais o mercado nacional.

Outro ponto negativo é que, sem ter muitas opções, o músico brasileiro acaba se enquadrando nessa Indústria Fonográfica para mostrar o seu trabalho e chega a ser muitas vezes patético do ponto de vista cultural, mas que, sem dúvida nenhuma, agrada a massa que compra os seus CDs e por consequência acaba colaborando ainda mais para a “americanização” da nossa música.

Mas, não são todos que acabam aderindo aos modismos. Muitos de nossos cantores sempre criticaram essa invasão de modo muito sarcástico, com músicas bem humoradas ridicularizando esses modismos. Entre eles podemos destacar: Noel Rosa, que faz críticas ao cinema falado, às “Jazz-bands” e outras modas da sua época. Também destaco: Assis Valente, Jurandir Santos, Arnaud Rodrigues e Lamartine Babo que fez uma ótima música satírica “Canção... para inglês ver”.

Outro tema explosivo, e que tem opiniões prós e contras, é o das versões. Os defensores argumentam: antes elas do que o original; os detratores, por outro lado: nem elas e nem os originais. Os versionistas podem ser classificados em dois grupos: os tradutores e os adaptadores. Os adaptadores aproveitam as melodias modificando a letra original praticamente fazendo novas músicas. Entre estes se destaca Fred Jorge que fez 594 versões, entre elas: “Diana”, “Banho de Lua” e “Estúpido Cupido”. Muitos cantores de destaque acabaram também por fazer versões, e entre eles Chico Buarque que adaptou “Jesú Bambino”; Gilberto Gil que fez enorme sucesso com “Não Chore Mais”. Haroldo Barbosa com adaptação de boleros famosos como: “Maria Elena” e “El dia que me Quieras”. Francisco Alves gravou tudo o que aparecia e fazia sucesso com todos os ritmos: fox, tango, bolero, opereta. Era somente uma música ou tema de filme fazer sucesso para que ele regravasse.

Outra invasão que aconteceu aqui durante as décadas de 40 a 60, foi dos boleros. Os maiores astros da música latina aterrissavam aqui até 1946 atraídos pelos cassinos e, depois, continuaram vindo devido ao grande sucesso que tinham com o gosto popular. Por aqui desfilaram: Ortiz Tirado, Pedro Vargas, Libertad Lamarque, Hugo Del Carril, Trio Los Panchos, que eram artistas classe A e que não chegaram a despertar reações chauvinistas. Afinal quem é que já não ouviu uma pessoa com mais de 40 anos cantarolando: *“Solamente una vez, ame em la vida...”*.

2.2 - PRIMÓRDIOS DO ROCK NO BRASIL

Com o lançamento do filme “Rock around the Clock” (No balanço das horas) em 1956, teve início o movimento do rock no Brasil. Neste começo o movimento teve em Celly e Tony Campelo, além de Sérgio Murilo, seus intérpretes principais. Graças a eles o rock começou a ser inserido na juventude brasileira através da tradução dos principais hits americanos, iniciando a grande onda de versões que, embora apresentados em língua nacional, eram na verdade música estrangeira.

A partir da década de 1960, após o sucesso de Celly Campelo com “Estúpido Cupido” (1959), é que o público jovem começou a ter o seu espaço na mídia, pois, até então as gravadoras não investiam em novos valores porque encaravam o rock como uma moda passageira.

*“Oh! oh! cupido, vê se deixa em paz, meu coração já não pode amar
 Eu amei há muito tempo atrás, já cansei de tanto soluçar
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim
 Eu dei meu coração a um belo rapaz que prometeu me amar e me fazer feliz
 Porém, ele me passou pra trás, meu beijo recusou e o meu amor não quis
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim
 Não fira um coração cansado de chorar
 A flecha do amor só trás angústia e a dor
 Mas, seu cupido, o meu coração não quer saber de mais uma paixão
 Por favor, vê se me deixa em paz, meu pobre coração já não agüenta mais
 Hei, hei, é o fim, oh, oh, cupido vá longe de mim”*

Celly fez tanto sucesso que disputava em vendagem e execução com “monstros sagrados” como: Elvis Presley, Paul Anka, entre outros, além de estrelar ao lado de Tony Campello um programa na TV Record que durou até 1962. Neste mesmo ano Celly resolveu se casar e abandona a carreira. Mas, ao contrário do que muitos pensavam, após sua principal estrela encerrar a carreira o rock não entra em decadência, já que a partir de 1964 a Jovem Guarda começou a ser formada.

2.3 - JOVEM GUARDA

Enquanto Ronnie Cord gravava “Rua Augusta” fazendo muito sucesso, neste mesmo período Roberto Carlos começa a se destacar, juntamente com Erasmo Carlos com a música “Calhambeque”. Roberto e Erasmo já chamavam a atenção com “Splish Splash” e “Parei na Contramão”. O sucesso deles acabou abrindo espaço para que novos cantores entrassem no mercado fonográfico surgindo uma nova fase na música brasileira a Jovem Guarda.

Em 1965, de olho no grande mercado de consumo que surgiu a partir dos jovens e adolescentes, a TV Record lança o programa Jovem Guarda. Estrelado por Roberto Carlos (rei), Erasmo Carlos (tremendão) e Wanderléia (ternurinha). Com o sucesso do programa, nas tardes de domingo, surgiram outros adeptos do movimento como: os Vips, Os Incríveis, Os Fevers, Golden Boys, Renato e seus Blue Caps, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Martinha, Rosemary, Eduardo Araújo, Leno e Lílían além de outros.

Além de estar nas paradas de sucesso, essa turma de jovens acabou por influenciar os costumes da época. Para os rapazes a moda era usar cabelos compridos

como os Beatles e calça colante bicolores. Para as garotas a coqueluche era minissaia acompanhada por botas de cano alto e cintos coloridos.

Graças a esses cantores a Indústria Cultural faturou muito, devido ao grande consumo dos jovens por produtos que os seus ídolos vendiam em comerciais de rádio e televisão da época. Aliás, qualquer produto que tinha a marca Jovem Guarda vendia muito. As agências de propaganda lançavam campanhas publicitárias bem articuladas explorando esse mercado de consumo que se abria com a expansão dos meios de comunicação e desenvolvimento urbano do país.

Em 1966, no auge do movimento, Roberto Carlos grava: “Quero que vá tudo para o inferno” que se transforma no hino do movimento.

*“De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar
Se você não vem e eu estou a lhe esperar
Só tenho você no meu pensamento
E a sua ausência é todo o meu tormento
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno.
De que vale a minha boa vida de playboy
Se entro no meu carro e a solidão me dói
Onde quer que eu ande tudo é tão triste
Não me interessa o que de mais existe
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno.
Não suporto mais você longe de mim
Quero até morrer do que viver assim
Só quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo o mais vá pro inferno”.*

Além desta música Roberto freqüentava as paradas de sucesso com: “Pode vir quente que eu estou fervendo”; “Eu te darei o céu” e “Querem acabar comigo”.

O som da Jovem Guarda, que também era rotulado de iê-iê-iê, tinha como base o começo dos Beatles e o rock’n’roll dos anos 50, misturado ao rock-balada (influência do bolero e samba-canção). As letras não tinham nada de rebeldia, sexo, drogas ou crítica social. Misturava palavras dóceis com histórias ingênuas. Mas, essas letras também potencializaram manifestações como: o amor, namoro e beijo, além da dança e elementos da moda. As minissaias, por exemplo, tornaram modelos de transgressão da sociedade da época dentro do seu limite.

Porém, a Jovem Guarda não fazia parte do círculo da intelectualidade nacional e nem tampouco dos universitários brasileiros que estavam preocupados com o papel social da arte como meio de conscientização das desigualdades sociais e resistência ao regime militar. Por esses motivos o movimento era tratado como “arte alienada”. A

Jovem Guarda teve o seu final em janeiro de 1968, quando foi ao ar o último programa pela TV Record. Foi também o ano em que surgiu o LP Sgt. Pepper's, dos Beatles e marcou também o surgimento da tropicália.

2.4 - TROPICÁLIA

Durante o III Festival de Música Popular Brasileira, na TV Record, Caetano Veloso e Gilberto Gil causaram polêmica com as músicas: “Alegria Alegria” (quarto lugar):

*“Caminhando contra o vento
Sem lenço, sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não
Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui à escola
Sem lenço, sem documento, eu vou
Eu tomo uma coca-cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil
Ela nem sabe até, pensei,
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou, sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo, amor*

*Eu vou
Por que não, por que não..”*

e “Domingo no Parque” (segundo lugar):

*“O rei da confusão - ê, João
Um trabalhava na feira - ê, José
Outro na construção - ê, João
A semana passada, no fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá pra Ribeira
Foi namorar
O José como sempre no fim da semana
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo um passeio no parque
Lá perto da Boca do Rio
Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu
Juliana na roda com João
Uma rosa e um sorvete na mão
Juliana, seu sonho, uma ilusão
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração
O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, dançando no peito - ô, José
Do José brincalhão - ô, José
O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, girando na mente - ô, José
Do José brincalhão - ô, José
Juliana girando - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
O amigo João - João
O sorvete é morango - é vermelho
Oi, girando, e a rosa - é vermelha
Oi, girando, girando - é vermelha
Oi, girando, girando - olha a faca!
Olha o sangue na mão - ê, José
Juliana no chão - ê, José
Outro corpo caído - ê, José
Seu amigo, João - ê, José
Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João”*

Caetano, acompanhado pelas guitarras dos Beat Boys, e Gil, pelos Mutantes, mesclaram dados modernos e atuais realçando a mistura de arcaísmo e modernização, utilizando os elementos tradicionais da música popular brasileira e da vida urbana com a sua sociedade de consumo.

O Tropicalismo foi inspirado no “Manifesto pau-Brasil” do poeta Oswald de Andrade, de 1922, criando alegorias e uma linguagem metafórica com um humor crítico, tentando balancear a posição dos defensores da cultura engajada com os defensores da cultura de massas. A Tropicália trabalhou a política e a estética num mesmo plano, mostrando as contradições culturais de nossa modernização subdesenvolvida.

O ápice do Tropicalismo foi o disco manifesto “Tropicália ou Panis et circenses”, de 1968, promovendo diversas misturas que acabaram no disco como: carnavalização, festa, alegoria, crítica musical, social, cafonice (kitch), compondo um novo painel na cultura brasileira. Destaque para a música: “Panis et circenses” que captura muito bem o espírito do movimento em sua letra de autoria de Caetano e Gil:

*“Eu quis cantar
Minha canção iluminada de som
Soltei os panos sobre os mastros no ar
Soltei os tigres e os leões nos quintais
Mas as pessoas na sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer
Mandei fazer
De puro aço luminoso um punhal
Para matar o meu amor e matei
Às cinco horas na avenida central
Mas as pessoas da sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer
Mandei plantar
Folhas de sonhos no jardim do solar
As folhas sabem procurar pelo sol
E as raízes procurar, procurar
Mas as pessoas da sala de jantar
Essas pessoas da sala de jantar
São as pessoas da sala de jantar
Mas as pessoas da sala de jantar
São ocupadas em nascer e morrer”*

Participaram deste LP nomes como: Caetano, Gil, Gal Costa, Maria Bethânia, Tom Zé, Torquato Neto, Capinam, Os Mutantes e Nara Leão (musa da Bossa Nova).

Infelizmente, a maioria do público não entendia o movimento, que era odiado pela direita por causa da maneira contestadora e, longe dos padrões estéticos da

cultura engajada, a Tropicália conheceria o seu fim. Mais precisamente em 1968, durante o II Festival Internacional da Canção. Durante o Festival, a platéia em sua maioria formada por universitários de esquerda vaiaram Caetano Veloso quando ele estava interpretando: “É Proibido Proibir”. Caetano interrompe a execução, respondendo a platéia com um discurso inflamado⁹:

“Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. Hoje não tem Fernando Pessoa. Eu hoje vim dizer aqui, que quem teve coragem de assumir a estrutura de festival, não com o medo que o senhor Chico de Assis pediu, mas com a coragem, quem teve essa coragem de assumir essa estrutura e fazê-la explodir foi Gilberto Gil e fui eu. Não foi ninguém, foi Gilberto Gil e fui eu!

Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a quem? Tem som no microfone? Vocês são iguais sabem a quem? Àqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. E por falar nisso, viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker! Eu tinha me comprometido a dar esse viva aqui, não tem nada a ver com vocês. O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira. O Maranhão apresentou, este ano, uma música com arranjo de charleston. Sabem o que foi? Foi a Gabriela do ano passado, que ele não teve coragem de, no ano passado, apresentar por ser americana. Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso!

Eu quero dizer ao júri: me desclassifique. Eu não tenho nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Gilberto Gil. Gilberto Gil está comigo, para nós acabarmos com o festival e com toda a imbecilidade que reina no Brasil. Acabar com tudo isso de uma vez. Nós só entramos no festival pra isso. Não é Gil? Não fingimos. Não fingimos aqui que desconhecemos o que seja festival, não. Ninguém nunca me ouviu falar assim. Entendeu? Eu só queria dizer isso, baby. Sabe como é? Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todas as estruturas e sair de todas. E vocês? Se vocês forem... se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos! Me desclassifiquem junto com o Gil! Junto com ele, tá entendendo? E quanto a vocês... O júri é muito simpático, mas é incompetente.

Deus está solto!

Fora do tom, sem melodia. Como é júri? Não acertaram? Qualificaram a melodia de Gilberto Gil? Ficaram por fora. Gil fundiu a cuca de vocês, hein? É assim que eu quero ver. Chega!”

⁹ James Amado Rio de Janeiro, outubro de 1968 texto extraído do site Tropicália:

Ao tentar responder de forma original à exigência de uma cultura politizada e a solicitação de uma cultura de consumo, optando pela tensão que poderia ser estabelecida entre elas (concepção estética e política) a Tropicália acabou sendo mesmo que por pouco tempo, uma resposta de que era possível fazer esse equilíbrio de forças.

A partir de 1968, o Brasil viu-se mergulhado num terror sem precedentes com a decretação do AI-5, que deu amplos poderes ao Executivo, permitindo que fechasse o Congresso por tempo indeterminado, cassar mandatos, suspender direitos políticos por 10 anos de qualquer cidadão, demitir ou aposentar qualquer funcionário público civil ou militar e estender a censura prévia à imprensa e meios de comunicação.

Com decreto do AI-5, que fechou os canais de expressão e arte, a cultura brasileira sofreu um duro golpe. Os artistas de expressão como: Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Chico Buarque, entre outros, foram exilados ou se exilaram. Ao mesmo tempo, essas condições de um regime brutal e ao sufocar a oposição, a economia passou por um “fenômeno” que a ditadura chamou de “milagre econômico”. Esse milagre fez-se às custas do silêncio forçado e do arrocho salarial imposto aos trabalhadores assalariados.

Abriram-se as portas para o capital estrangeiro, removendo todos os entraves a sua entrada. Enfim, de forma geral a ditadura militar favoreceu a concentração de capital, as fusões e associação de empresas. Teve o predomínio da grande empresa nacional, estatal e multinacional (com predomínio do capital norte americano e o crescimento dos capitais europeus e japoneses) consolidando o seu predomínio sobre as demais.

2.5 - EU TE AMO MEU BRASIL

O começo dos anos 70 foi marcado por uma propaganda de cunho ideológico exaltando o governo, cujo slogan mais representativo era: “Brasil ame-o ou deixe-o”. Muitos fusquinhas tinham esse lindo adesivo colado no pára-brisa do carro enquanto o seu dono andava estufando o peito com o maior orgulho. E para ajudar ainda mais o governo militar a seleção brasileira conquista o “tri” campeonato de futebol no México

reforçando o espírito de “país que dá certo”. Foi nesta época também que a dupla Don e Ravel cantava bem ao gosto ufanista do governo militar:

*“Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
Ninguém segura a juventude do Brasil”*

“Brasil: ame-o ou deixe-o” como acrescentaria o deboche popular: “... o último apague a luz”. Mas o verdadeiro clima da época foi retratado nos versos proibidos da música “Apesar de você” de Chico Buarque:

*“Hoje você é quem manda,
Falou, tá falado,
Não tem discussão, não.
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu?
Você que inventou esse estado
E inventou, de inventar,
Toda escuridão.
Você que inventou o pecado,
Esqueceu-se de inventar
O perdão.
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia.*

*Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar.
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar.
Quando chegar o momento,
Esse meu sofrimento,
Vou cobrar com juro, juro!
Todo esse amor reprimido,
Esse grito contido,
Este samba no escuro.
Você que inventou a tristeza,
Ora, tenha a fineza
De desinventar.
Você vai pagar, e é dobrado,
Cada lágrima rolada
Nesse meu penar.
Apesar de você,
Amanhã há de ser
Outro dia.
Inda pago prá ver
O jardim florescer
Qual você não queria.*

*Você vai se amargar
 Vendo o dia raiar
 Sem lhe pedir licença.
 E eu vou morrer de rir,
 Que esse dia há de vir
 Antes do que você pensa.
 Apesar de você,
 Amanhã há de ser
 Outro dia.
 Você vai ter que ver
 A manhã renascer
 E esbanjar poesia.
 Como vai se explicar
 Vendo o céu clarear
 De repente, impunemente?
 como vai abafar
 Nosso coro a cantar
 Na sua frente!
 Apesar de você,
 Amanhã há de ser
 Outro dia.
 Você vai se dar mal,
 Etc. e tal... “.*

O controle da Indústria Cultural pelos militares, que utilizavam agências de propaganda, emissoras de TV e outros meios de comunicação, levaram parte da juventude a procurar meios alternativos de cultura, surgindo a contracultura nacional. No cenário nacional essa contracultura fazia um rock nacional com influência de bandas estrangeiras como: Rolling Stones, Pink Floyd, Yes, Led Zepellin entre outros. Nesta época surgiam grupos de roqueiros brasileiros que eram ignorados pelo grande público e desapareciam sem deixar registro em vinil com algumas exceções (Mutantes, Raul Seixas, Secos & Molhados).

Deste período destaco os Secos & Molhados que duraram apenas dois anos 1973/74. O primeiro disco é um clássico. O grupo misturava a influência da androginia e glamour do “glitter rock” (David Bowie, Alice Cooper entre outros) com latinidade brasileira, ofuscando a vendagem de Roberto Carlos, prenunciando um mercado promissor para o rock nacional.

Em enquête da folha de São Paulo realizada em 2001 foi considerada a capa de LP mais influente da música nacional.¹⁰

O impacto causado pelo álbum que trazia O Vira, Sangue Latino, O Patrão Nosso de Cada Dia, Fala, Assim Assado e Rosa de Hiroshima já começava mesmo

pela tal capa, clicada com maestria por Antonio Carlos Rodrigues, um ex-repórter fotográfico do diário carioca Última Hora. Trabalhando naquela época também para a revista Fotoptica, Antonio Carlos teve a sorte de ver um ensaio seu cair nas mãos dos integrantes do trio. Seu colega de redação João Apolinário, pai de João Ricardo, o principal compositor dos Secos & Molhados, sugerira ao filho e a seus parceiros algo parecido com aquelas fotos de cabeça de mulher servida num prato de papelão prateado assinadas por Antonio. A idéia foi aceita pelos três e pouco tempo depois lá estavam aqueles hippies, ilustres desconhecidos serrando placa de compensado para fazer a mesa em que posariam decapitados em meio a linguiças, cebolas, broa, biscoitos e grãos de feijão. Um cenário que sugeria uma seção de secos e molhados de armazém, com um João Ricardo barbudo com ares de Don Quixote, um Ney Matogrosso cigano de bandana colorida, mais Gerson Conrad e Marcelo Frias (baterista e percussionista em participação especial) completando o banquete inquisitorial. Todos maquiados, homens maquiados em plena década de 70. Antonio Carlos queimou uma madrugada inteira para fisgar o clima desejado, com os músicos sentados o tempo todo em cima de tijolos, passando o maior frio por debaixo da mesa.

Mas o melhor de tudo, claro, era a música que estava talhada ali nos sulcos, exibida na voz deslumbrante de Ney de Souza Pereira, o Ney Matogrosso, revelação máxima do ano de 1973. Um cantor sem igual, de registro vocal raríssimo, que já nascia feito para brilhar e causar espanto. Um artista completo, com grande domínio de palco (perfeitamente comparável a um Mick Jagger), capaz de performances desconcertantes também como dançarino, ele que foi um dos mais legítimos contestadores do moralismo tacanho do Brasil dos anos de chumbo do repugnante general Médici

Ao estrear com os Secos & Molhados, Ney Matogrosso tinha na bagagem doze meses de teatro, muitos problemas com o pai militar e os bolsos rasos do vil metal. Só para se ter uma idéia, Ney teve que vender o único bem que possuía - um pequeno despertador - para poder comprar a passagem de ônibus para São Paulo, onde ia começar a ensaiar com Gerson e João Ricardo. Depois de ter participado como ator de montagens como Dom Quixote Mula-Manca e Seu Fiel Companheiro Zé Chupança, de Rosinha no Túnel do Tempo e de A Viagem, um musical adaptado de Os Lusíadas,

¹⁰ Informações retiradas do site do grupo e também de um artigo de Felipe Tadeu para a Revista eletrônica Nova Cultura. Endereço eletrônico: www.novacultura.de/030150m.html

Ney não botava muita fé na carreira de cantor. Ligado também em artesanato, o mais molhado do trio ganhava a vida no maior improviso, passando fome muitas vezes. Mas quando ele subiu em dezembro de 1972 ao palco da Casa de Badalação e Tédio, no Teatro Ruth Escobar, de bigode e grinalda na cabeça, e com o corpo e o rosto pintados de dourado, Ney não precisaria de muitos meses para virar lenda. João Ricardo, nascido em Ponte do Lima, Portugal, era outro enorme talento dos Secos & Molhados. O que seria da banda sem suas composições inusitadas, seus poemas derretidos em baladas e rocks da melhor safra dos anos 70 no Brasil? Uma década elétrica em que vingavam por exemplo formações como a de Rita Lee & Tutti-Frutti, O Terço, A Barca do Sol, Alceu Valença e Os Mutantes.

Os Secos & Molhados chegavam ao primeiro LP numa tiragem inicial de apenas 150 mil álbuns. Uma expectativa que explodiu logo na primeira semana do disco nas lojas, com a Continental tendo que recolher o vinil de outros artistas para derreter e prensar novas cópias rapidamente. O disco abria logo com “Sangue Latino”, uma parceria de João Ricardo com Paulinho Mendonça, faixa que emplacou rapidinho nas rádios. Depois vinha o maior hit dos Secos & Molhados, “O Vira”. Um sotaque lusitano numa pegada rock que levou o disco à casa do milhão de cópias vendidas em apenas um ano. Potencialize isso a enésima potência, levando em conta o estágio da mídia na década de 70 o estrago que o trio causou, foi enorme. Depois, vinha a cortante balada “O Patrão Nosso de Cada Dia”. Os Secos & Molhados ainda vinham de “El Rey”, aquela canção em que dizia que “eu vi El Rey andar de quatro...”. “Rosa de Hiroshima”, grito pacifista, antinuclear, num poema de Vinicius de Moraes musicado brilhantemente por Gerson Conrad. Pena que um ano depois o grupo tenha se dissolvido devido principalmente a guerra de egos entre Ney Matogrosso e João Ricardo.

Também neste período podemos destacar a influência do rock progressivo: Som Nosso de cada dia, Casas das Máquinas entre outros. O Casa das Máquinas do ex-Incríveis, Netinho tinha um som bem elaborado como os das músicas “Lar de Maravilhas”:

*“Eu vou dormir
Para sonhar
Poder sair e me elevar
Vou viajar
Num beija-flor entre canais espaciais*

*Rumo à lua verde, vamos rumo à lua verde
 Lar de maravilhas eu vou me purificar
 Rumo à lua verde, vamos rumo à lua verde
 Lar de maravilhas eu vou me purificar”*

e “Cilindro Cônico”:

*“Sempre o vento sopra mais forte
 Pra quem não está acostumado com o frio daqui
 Sempre o tempo passa depressa
 Pra quem se interessa e vive mais um pouco aqui
 Num tá fácil, é até difícil
 Entender as coisas como elas são
 É difícil ver tão fácil
 Tudo é complicado, tudo é eletrônico
 Tudo se resume num cilindro cônico
 Tudo, tudo, tudo é complicado
 Tudo, tudo é eletrônico
 Tudo, tudo, tudo se resume num cilindro cônico “*

Outro aspecto interessante foi a fusão da música sertaneja ao rock, surgindo o “rock rural” como no caso do trio Sá Rodrix & Guarabira com as músicas A Primeira Canção da Estrada e O Pó da Estrada. Também havia os “malditos” Jorge Mautner, Walter Franco, Tom Zé, entre outros, que eram esquecidos pela mídia, interessada em certos padrões hegemônicos da Indústria Cultural, principalmente nas trilhas sonoras de novelas.

2.6 - BALADAS ROMÂNTICAS EM INGLÊS

Como foi mostrado anteriormente, a partir do nascimento do rock a influência americana ficou mais visível no Brasil convivendo com a nossa música. Desde Celly Campelo, passando pela Jovem Guarda, Tropicália e o rock do começo dos anos 70. O rock mudou os modos, costumes e maneira de pensar, se incorporando ao cotidiano. Apesar da nossa qualidade musical própria passamos a conviver com essa “americanização”. Outro fator interessante é que apesar do rock ser um gênero de música americana, desde o seu começo no Brasil ele era cantado no nosso idioma. Existiam as versões dos hits americanos que eram produzidos em português facilitando a assimilação por parte das massas. Além de consolidar a Indústria Cultural, já que o rock abriu um mercado consumidor para as massas que passaram a adquirir tudo o que seu ídolo usava desde o corte de cabelo, passando pela vestimenta e até o “shampoo” e creme dental que ele anunciava.

Com a influência americana consolidada, no começo da década de 1970, surgiram vários grupos e cantores que começaram a cantar em inglês. Grupos como: Pholhas, Sunday, The Light Reflections, Harmony Cats e cantores como: Dave Maclean, Mark Davis, Morris Albert entre outros, fizeram muito sucesso com baladas simples e românticas, “estourando” nas paradas de sucesso. Essas baladas eram influenciadas pelo “rock balade” que tinha como seu principal representante o grupo Bread na época. Esses conjuntos e cantores começaram em sua maioria a suas carreiras cantando em bailes e bares movimentados deste período.

Outro motivo que ajudou massificação dessas músicas foi a inclusão das trilhas sonoras em inglês nas novelas da Rede Globo. Aproveitando-se deste filão muitos cantores gravavam especialmente para ter os seus “hits” incluídos na novela tornando-os sucessos populares.

Segundo Adorno¹¹ essa “popularização” dos hits é característica da estandardização, já que apresentam uma padronização rígida. Os pilares harmônicos, com o começo e final de cada parte, reiteram o esquema-padrão em que é enfatizado os mais primitivos fatos harmônicos. Com esse esquema é garantido que o hit terá a mesma experiência familiar e nada de novo será acrescentado. Essa estandardização na música popular ou hit só ocorre já que cada detalhe é insubstituível servindo a música como engrenagens numa máquina. Como exemplo desta estandardização temos o grupo Pholhas, fundado em 1968 para tocar em bailes e que com a sua crescente popularidade gravou o seu primeiro LP em 1972 pela gravadora RCA Victor optando por cantar e compor em inglês, até porque na época 90% da programação das rádios e TVs eram de sucessos internacionais.

OS "Pholhas" lançam então, em setembro de 1972, o LP “Dead Faces” o qual continha as canções My Mistake, Pope, Shadow of love e My first girl. Como exemplo destaco duas músicas do grupo Pholhas: “ My Mistake”

*“There was a place that I lived
And a girl, so young and fair
I have seen many things in my life
Some of them I’ll never forget
Everywhere...
I was sent to prison
For having murdered my wife
Because she was living with him
I lost my head and shot her*

¹¹ Theodor W. Adorno (Coleção Grandes Cientistas Sociais) pág. 116

*This was my story in the past
And I'll go to reform myself
I am paying for my mistake
I will never be the same man again"*

e "She made my cry":

*"Let me tell, my whole story
I had some time ago
She was a pretty little girl
She was my wife, I was so glad
My happiness finished so fast, my
She broke my heart and told me
She didn't love me no more
Then today I am alone
I spend my time, spend my time
Sweeping the floor
The dust goes my mind flies
The time goes by and I know
I'll find another girl
But I still remember
She made me cry!"*

Onde esse exemplo de estandardização ocorre, já que o som e a melodia são padronizados sendo facilmente absorvidos pela massa.

Outra forma de divulgação destes cantores era os chamados compactos, que de maneira geral vinham com duas músicas, uma para ser trabalhada nas rádios e outra geralmente para preencher o espaço que havia no disco. Outra forma que a indústria fonográfica encontrou para inserir estes cantores no mercado era os chamados "covers". Diferente do começo do rock, onde as letras eram traduzidas para o português, as gravadoras antes de lançarem uma determinada música, gravavam a mesma com um artista nacional para testar para ver se tinha boa aceitação. Um exemplo dessa prática é a música "Flying" de Chris de Burgh, que foi lançada aqui por Jessé com o pseudônimo de Christie Burgh, fazendo mais sucesso que a música original:

*"Flying
I thought I'd never lose that flying
I thought I'd spend my whole life trying
But flying is that ancient art
Keeping one foot on the ground*

*Flying
I thought I never keep flying
I thought I'd be losing all my sighing
But flying is that ancient art
Hiding words that will never be found*

Crying
I thought I'd never stop that crying
I thought our love was a dream of dying
But crying is that ancient art
Keeping rivers into the ground

Oh, Dying
I thought I'd never see that dying
Gonna spend my whole life dying
Oh dying is that ancient art
Of keeping one world turning round

Sighing
I thought I'd never keep from sighing
I thought I'd always be there crying
Ripping sighing is that ancient art
Sadness all around

Oh, flying oh oh lying
Crying oh oh sighing
Trying oh oh crying oh oh
Lying is that ancient art
Of growing flowers in the ground
Yes, it is!"

Os programas de rádio, principalmente os românticos, onde os jovens mandavam mensagens para a namorada ou namorado, também foi um importante veículo para a divulgação destas músicas. Além das rádios, outro meio de comunicação utilizado por esses cantores era a televisão onde eram apresentados como grandes estrelas em vários programas como: os do Chacrinha, Bolinha, Flávio Cavalcante entre outros.

Ao contrário dos grandes compositores e músicos brasileiros do período, como Chico Buarque, Caetano e outros que viviam sob pressão dos militares, estes músicos nunca tiveram problemas com o regime já que suas baladas açucaradas não ofereciam nenhum problema e também as letras de suas músicas não tinham conteúdo ideológico subversivo.

Nesta Indústria Cultural implantada por esses músicos vale lembrar que eles trabalhavam como se fosse uma linha de produção em massa¹². As gravadoras contratavam esses músicos, que gravavam a música em estúdios do eixo Rio-São

¹² Cheguei a esta conclusão após ler no encarte da coleção a seguinte nota da equipe de transcrição: "Uma equipe de cantores e compositores com conhecimento em inglês procedeu a interpretação e transcrição de várias letras. Tentando aproximar o Máximo possível da intenção dos autores. Porque alguns cantores não dominavam bem o idioma inglês, e há casos em que o próprio original está incorreto, gerando inigibilidade ou interpretação ambígua".

Paulo. O estúdio mais procurado era o Reunidos que ficava no prédio da Gazeta, na avenida Paulista, em São Paulo. Outros cantores que tinham carreira solo geralmente participavam destas gravações fazendo “backing vocals” nas canções. Por exemplo: Jessé teve participação ativa nesta época pois, além de ter sua carreira solo, ele fazia coro em diversas músicas de sucesso desta época.

Além de Jessé, destacavam neste período Dave Maclean “Me and You”, Mark Davis/Uncle Jack (ambos pseudônimos de Fábio Jr.) “Don’t let me cry e My Baby”, Malcolm Forest “Ecstasy” entre outros.

Mas, o cantor que fez maior sucesso foi, sem dúvida nenhuma, Morris Albert. Maurício Alberto Kayserman era uma das estrelas de destaque deste modismo. No ano de 1973 ele emplacou o seu maior sucesso a música “Feelings”:

*“Feelings,
Nothing more than feelings,
Trying to forget my
Feelings of love.
Teardrops
Rolling down on my face,
Trying to forget my
Feelings of love.
Feelings,
For all my life I’ll feel it.
I wish I’ve never met you, girl;
You’ll never come again.
Feelings,
Wo-o-o feelings,
Wo-o-o, feel you again in my arms.
Feelings,
Feelings like I’ve never lost you
And feelings like I’ll never have you
Again in my heart.
Feelings,
For all my life I’ll feel it.
I wish I’ve never met you, girl;
You’ll never come again.
Feelings,
Feelings like I’ve never lost you
And feelings like I’ll never have you
Again in my life.
Feelings,
Wo-o-o feelings,
Wo-o-o, feelings again in my arms.
Feelings...”*

O fenômeno teve início quando foi incluída na trilha sonora da novela “Corrida do Ouro”, da TV Globo. Feelings vendeu milhões de cópias em todo o mundo. Concorreu ao Grammy e foi gravada por cantores como: Frank Sinatra, Johnny Mathis entre outros. Chegando a ser matéria do Fantástico da rede Globo em 1976, quando lançou, “She’s my girl”.

Outro fator que representa esta “americanização” são os pseudônimos, utilizados pelos artistas. A maioria era escolhida pelos produtores das gravadoras, geralmente pegando um nome parecido com o de algum cantor de sucesso, como do de Jessé, Christie Burgh, tirado do nome do cantor oficial da música “Flying”, Chris de Burgh. Ou então o de Steve Maclean, que o cantor Helio Eduardo Costa Manso, criou para parecer com Steve Mcqueen, que era famoso por seus filmes de ação na época.

As coletâneas em discos era também outro meio de divulgação destas músicas, pois muitos cantores não conseguiam se manter nas paradas com um LP inteiro. Então a solução encontrada pela indústria fonográfica era lançá-los em disco como: “As 20 mais da Excelsior”, “Love Hits”, “Tunnel of Love”, “A sua Paz Mundial” entre outras coletâneas que tinham uma excelente vendagem, mantendo o mercado aquecido.

Por ser feita de maneira industrial, nem sempre estas músicas mantinham um padrão de qualidade, pois muitas continham erros de inglês nas letras ou na pronúncia de seus cantores. Por esse motivo não podem ser classificadas, apesar do sucesso de, músicas “sérias”, sendo consideradas, apesar de serem cantadas em outro idioma, música popular.

A diferença da música “séria” em relação a popular é que na música séria: O detalhe contém virtualmente o todo e, leva a exposição do todo, ao mesmo tempo em que é produzido a partir da concepção do todo. Na música popular a relação é fortuita, o detalhe não tem nenhuma influência sobre o todo, que aparece numa estrutura intrínseca. Sendo assim, o todo nunca é alterado pelo evento individual e, por isso, permanece à distância, imperturbável como se ao longo da música não tomasse conhecimento dele, ao mesmo tempo o detalhe é mutilado por um procedimento que jamais pode influenciar e alterar, de tal modo que ele permanece inconseqüente. Por isso, um detalhe musical impedido de desenvolver-se se torna uma caricatura de suas próprias potencialidades.

Mas, como todo modismo uma hora tem o seu fim, este também teve o seu. Por volta de 1982 ele já tinha esgotado e todos os seus intérpretes seguiram outros caminhos, como por exemplo Chrystian, Ralf (Don Elliot) e Terry Winter que seguiram pelo gênero sertanejo; Fábio Jr. e Jessé que fizeram sucesso com seus nomes em português. Outros, como Dave Maclean, tornaram-se executivos das grandes gravadoras multinacionais. E ainda tem Malcom Forrest que é dublador das vozes masculinas do Oscar.

CAPÍTULO 3

A MÚSICA EM UBERLÂNDIA NOS ANOS 60 e 70

3.1 - OS BAILES E BRINCADEIRAS

A música em Uberlândia sempre teve papel ativo, já que sempre foi utilizada de diversas formas no convívio social. Era através dela que a juventude se divertia nos finais de semana, principalmente nos bailes. Estes bailes eram geralmente organizados e realizados em escolas ou residências particulares, onde o chamado “D.J. dançarino”,¹³ organizava o som para as pessoas se divertirem. Geralmente o “D. J.” ia à loja e comprava os discos para tocar no baile ou, senão, ele mesmo gravava uma fita com a seleção das melhores músicas e baladas do momento para agitar na festa.

Outro detalhe interessante é que na maioria das vezes a pessoa encarregada do som era a que dava a festa ou então aquele que não “remexia as cadeiras” e por isso mesmo era destacado para a tarefa. Geralmente estes bailes seguiam certas normas. Começava com um rock ou outra música que fazia o pessoal dançar, depois uma MPB, em seguida lá pela tantas uma balada romântica para os casais que já namoravam ou que começaram a namorar no baile. Eram nestes bailes que muitos jovens namoravam, encontravam os amigos, punham o assunto em dia e, principalmente, iam para dançar.

Os jovens, além de beber e dançar, também iam para paquerar. Muitos namoros começaram nestes bailes. Os casais dançavam as baladas românticas, trocando “juras de amor”, que muitas vezes duravam somente até o próximo baile.

Mas, o que as pessoas gostavam mesmo era de se divertirem, os bailes neste sentido tinha como função social de aproximar as pessoas e, também, como meio de serem notadas e muitas vezes chamar a atenção. Neste sentido a moda tinha um papel muito importante pois as pessoas deixavam de ser anônimas para serem notadas.

A menina vestia a sua minissaia, calçava o sapato plataforma, colocava a sua blusinha que era a última novidade comprada na Chic Sai, arrumava o cabelo e

¹³ Nome utilizado por Walter Pereira Mendonça o “Valtinho da Discolândia” para designar as pessoas responsáveis pela música nestes bailes.

esperava o seu namorado. O rapaz, por sua vez, vestia a sua camisa colorida, calça boca-de-sino, e tênis ou sapato, aqueles mais elegantes compravam na Don Fernando e, pronto, estava vestido para festa. Só faltava pegar o seu carrão e cair na farra.

Nestas festas eram executadas as músicas do momento, com as melhores seleções de Jovem Guarda (Roberto Carlos, Os Incríveis, Wanderléia, Renato e seus Blue Caps) rock (Beatles, Rolling Stones), samba (Jair Rodrigues, Bete Carvalho), MPB (Chico Buarque, Caetano, Gil), discoteque (Donna Sumer, Tina Charles, As Frenéticas), entre outras.

Entre as músicas algumas que eram muito executadas eram “I love Jet’aime” de Frederico François, “Rock and Roll Lullaby” de B. J. Thomas, “See me Hear me” de Anarchic System, “Only You” de The Platter, “Started a Joke” dos Bee Gees e a clássica e famosa na época “La Decadense”.

Além dos cantores brasileiros, que cantavam em inglês e que faziam o maior sucesso nestes bailes, nomes como os Pholhas, com “My Mistake”, Terry Winter “Our Love Dreams” e Morris Albert com “Feelings”.

Além destes bailes caseiros, existiam os grandes bailes promovidos pelos grandes clubes de tradição da cidade como: Caça e Pesca, Cajubá e Praia e Uberlândia Clube o “Palácio Encantado”. Esses bailes eram luxuosos e contavam com a presença da elite da cidade. Outra característica era as grandes orquestras e cantores que se apresentavam fazendo com que estes bailes fossem diferentes. Estes bailes também tinham uma temática diferente. Os seus realizadores muitas vezes colocavam nomes que se tornavam marcas registradas destes bailes como: Baile da Primavera, das Flores, Noite Italiana, grito de Carnaval do Caça e Pesca etc. Alguns destes nomes até hoje são lembrados com nostalgia pelos seus frequentadores.

Os bailes eram comuns até o começo da década de 1990. Mas, eles deixaram de ser feitos para dar lugar às festas realizadas em chácaras, onde é cobrada a entrada. Assim restringe os convidados, tornando-se “elitizada”. As pessoas que pagam é que tem o direito de frequentar e assim acaba por se afastar da sua função como espaço onde as pessoas vão para divertir.

3.2 - AS BOATES

As boates, assim como os bailes, tinham um destacado papel social, que era divertir a população. Na virada dos anos 60 para os 70, existiam diversas boates na cidade devido ao papel destacado de Uberlândia como pólo musical da região. Entre estas boates algumas conhecidas são: a Peluna, GEMP (engenharia)¹⁴. Também tinha a do Diretório de Medicina, a Voodoo, que funcionava no Uberlândia Clube, além da Arpeje que era popular e famosa pelos boleros.

Nestas boates tocavam todo tipo de música, como o rock, bossa nova, baladas românticas, sem nenhum preconceito. Nas boates dos Diretórios Acadêmicos de medicina e Engenharia eram onde a juventude se reunia. Na GEMP, por exemplo, com exceção da festa jovem, tocava todos os gêneros musicais, desde a bossa nova até moda de viola. O mais interessante é perceber que os estudantes universitários sempre aceitavam tranqüilamente a convivência com outros gêneros musicais. A Voodoo que ficava no Uberlândia Clube era a mais elitista e luxuosa, vivia sempre cheia. Era o local freqüentado pela burguesia local.

A Arpeje era onde a música popular, como os boleros, fazia maior sucesso. Esta boate era freqüentada pelos boêmios e amantes da noite tendo a “Noite dos boleros” o seu principal destaque. Os uberlandenses tinham, portanto, várias opções de boates para dançar conforme o seu gosto.

3.3 - DISCOS

A partir do meio da década de 1960, o cidadão uberlandense passou a conviver com a jovem guarda e seus representantes que começaram a fazer muito sucesso. Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Os Incríveis, Wanderléia, Ronie Von, Renato e seus Blue caps (que também realizaram muitos bailes em Uberlândia) eram os mais tocados nas rádios da cidade. Depois, com o surgimento da Tropicália, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia e Os Mutantes, entre outros, que participaram deste movimento começaram a emplacar nas paradas de sucesso uberlandense.

¹⁴ Esta boate funcionava na Rua Machado de Assis

Roberto Carlos era o mais vendido nesta época. Seu sucesso era tão grande que, em 16 de março de 1966, ele veio para comemorar o aniversário de um ano da loja Discolândia e passou uma semana em Uberlândia, onde fez uma apresentação e depois seguiu fazendo show por toda a região (Araguari, Uberaba e Ituiutaba), consolidando a sua carreira no Triângulo Mineiro. O seu sucesso foi tão grande que abriu espaço para que alguns grupos da região que faziam covers da Jovem Guarda, também brilhassem.

Grande parte da juventude começou a ficar mais interessada na Jovem Guarda, abrindo um mercado consumidor na cidade e região. Esse mercado vendia tudo o que era relacionado à Jovem Guarda, desde discos e compactos, revistas e roupas. Neste sentido a cultura de massa existente em Uberlândia era muito homogênea já que não tinha características próprias ou originais, pois, assim como em outros cantos do Brasil, os mesmos produtos e músicas eram trabalhados.

Essa cultura de massa não é típica somente do uberlandense e nem tão pouco tomou o lugar de uma cultura “superior”. Ela simplesmente foi se difundindo junto às massas criando o mercado para os que não tinham acesso aos bens de consumo.¹⁵

Na década de 1970 os baianos (Caetano, Gil, Gal e Bethânia), vendiam muito bem, assim como Rita Lee com “Ovelha Negra” que sempre aparecia nas paradas de sucesso uberlandenses.

*“Levava uma vida sossegada
Gostava de sombra e água fresca
Meus Deus, quanto tempo
Eu passei sem saber?”*

*Foi quando meu pai me disse:
Filha,
Você é a ovelha negra da família
Agora é hora de você assumir
E sumir !*

*Baby, baby, não adianta chamar
Quando alguém está perdido
Procurando se encontrar
Babe, babe
Não vale a pena esperar
Tire isso da cabeça
E ponha o resto no lugar”*

¹⁵ Umberto Eco, Apocalípticos e Integrados p. 44

Outros nomes consagrados como Chico Buarque com a sua música Construção e Deus lhe pague¹⁶ também vendia bem na cidade.

*“Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado
Deus lhe pague
Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pelo prazer de chorar e pelo ``estamos aí"
Pela pida no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair*

¹⁶ As músicas “Construção” e “Deus lhe Pague” eram sempre executadas juntas. Por esse motivo as letras das respectivas acompanham a ordem de em que eram executadas nas rádios.

*Deus lhe pague
 Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
 O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
 Pelo domingo que é lindo, novel, missa e gíbi
 Deus lhe pague
 Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
 Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
 Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
 Deus lhe pague
 Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
 Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
 E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
 Deus lhe pague
 Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
 E pelas moscar-bicheiras a nos beijar e cobrir
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
 Deus lhe pague”*

Outro cantor de sucesso era o roqueiro Raul Seixas que vendia muito em Uberlândia. Raul criticava o modo de vida da sociedade da época em suas letras. Junto com o seu parceiro Paulo Coelho ele escreveu um dos seus grandes sucessos na década de 1970. “Eu nasci a dez mil anos atrás”

“Eu nasci há dez mil anos atrás
 E não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais
 Eu vi Cristo ser crucificado
 O amor nascer e ser assassinado
 Eu vi as bruxas pegando fogo
 Prá pagarem seus pecados, eu vi
 Eu vi Moisés cruzar o Mar Vermelho
 Vi Maomé cair na terra de joelhos
 Eu vi Pedro negar Cristo por três vezes
 Diante do espelho, eu vi ...”

Os cearenses Fagner, Belchior e Edinardo também faziam muito sucesso, assim como o paraibano Zé Ramalho com a sua canção que estourou nas paradas “Admirável gado novo”. Mas, segundo Walter Pereira Mendonça, proprietário da Discolândia, o grande sucesso da década a nível nacional foi os Secos & Molhados que venderam milhares de discos chegando a fazer um show na cidade em 1974.

Os cantores brasileiros que cantavam em inglês também tinham uma boa aceitação no mercado. Entre eles, os Pholhas, Morris Albert e Christian eram os de maior vendagem. Com o surgimento da Discoteque estrelas como Donna Summer, Roberta Kelly, Village People, Tina Charles, Frenéticas Gengis Khan. Mas o grande sucesso desta fase era a música “I Will Survive”, de Glória Gaynor”

*“At first I was afraid I was petrified
Kept thinkin' I could never live
without you by my side;
But then I spent so many nights
Thinkin' how you did me wrong
And I grew strong
And I learnt how to get along
And so you're back from outer space
I just walked in to find you here
with that sad look upon your face
I should have changed that stupid lock
I should have made you leave your key
If I'd've known for just one second
you'd back to bother me*

*Go on now, go walk out the door
Just turn around now
(‘cause) you're not welcome anymore
Weren't you the one who tried to
hurt me with goodbye
Did I crumble
Did you think I'd lay down and die?
Oh no, not I. I will survive
Oh as long as I know how to love
I know I'll stay alive;
I've got all my life to live,
I've got all my love to give and
I'll survive,
I will survive. Hey hey.*

*It took all the strength I had not to fall apart
Kept trying' hard to mend the pieces
of my broken heart,
And I spent oh so many nights
Just feeling sorry for myself.
I used to cry
But now I hold my head up high
And you see me somebody new
I'm not that chained up little person
still in love with you,
And so you feel like droppin' in
And just expect me to be free,
Now I'm savin' all my lovin'
for someone who's lovin' me
Go on now...”*

No cenário do rock internacional, os maiores vendedores de disco¹⁷ eram os Beatles, Rolling Stones, Queen, Elvis Presley, Elton John que fez o maior sucesso com a Música “Goodbye Yellow Brick Road”:

¹⁷ Gíria empregada por donos de lojas e locutores para designar os cantores que fazem sucesso.

*"When are you gonna come down
When are you going to land
"I should have stayed on the farm
I should have listened to my old man*

*You know you can't hold me forever
I didn't sign up with you
I'm not a present for your friends to open
This boy's too young to be singing the blues*

*So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl
You can't plant me in your penthouse
I'm going back to my plough*

*Back to the howling old owl in the woods
Hunting the horny back toad
Oh I've finally decided my future lies
Beyond the yellow brick road*

*What do you think you'll do then
I bet that'll shoot down your plane
It'll take you a couple of vodka and tonics
To set you on your feet again*

*Maybe you'll get a replacement
There's plenty like me to be found
Mongrels who ain't got a penny
Sniffing for tidbits like you on the ground*

*So goodbye yellow brick road
Where the dogs of society howl
You can't plant me in your penthouse
I'm going back to my plough*

Back to the howling old owl in the woods

Hunting the horny back toad

Oh I've finally decided my future lies

Beyond the yellow brick road..."

Os Bee Gees venderam muito também, principalmente na época da discoteque, com a trilha sonora de "Saturday Night Fever". Principalmente com a música "Stayin' Alive":

*"Well, you can tell by the way I use my walk
I'm a woman's man
No time to talk
Music loud and women warm
I've been kicked around since I was born
And now it's all right - it's O.K.
And you may look the other way
We can try to understand
The New York Times' effect on man
Whether you're a brother or whether you're a mother*

*You're stayin' alive, stayin' alive
 Feel the city breakin' and ev'rybody shakin'
 and we're stayin' alive, stayin' alive
 Ah, ah, ah, ah, stayin' alive*

*Well now, I get low and I get high
 And if I can't get either I really try
 Got the wings of heaven on my shoes
 I'm a dancin' man and I just can't lose
 You know it's all right, it's O.K.
 I'll live to see another day
 We can try to understand the New York Times' effect on man
 Whether you're a brother or whether you're a mother
 You're stayin' alive, stayin' alive
 Feel the city breakin' and ev'rybody shakin'
 and we're stayin' alive, stayin' alive
 Ah, ah, ah, ah, stayin' alive*

*Life goin' nowhere
 Somebody help me
 Somebody help, me, yeah
 Life goin' nowhere
 Somebody help, me, yeah
 Stayin' alive..."*

Segundo Walter, proprietário da discolândia, os compactos simples de sete polegadas eram os mais procurados até o final da década de 1960. A partir da década de 1970, o LP começou a equilibrar, disputando palmo-a-palmo o mercado fonográfico. Em 1982 o compacto saiu do mercado e o LP foi predominante até 1986, quando o CD entrou no mercado. Logo em seguida, com o aumento da produção e barateamento dos aparelhos reprodutores de CD, os discos pararam de ser produzidos. E, hoje em dia, o CD começa a enfrentar a concorrência do DVD, que aos poucos vai tomando conta do mercado.

3.4 - PROGRAMAS DE RÁDIO

Existiram vários programas de destaque no rádio uberlandense. Destes programas destaco “O Sucesso que você pediu” com Oduvaldo Caetano. Este programa começou em 1964 na rádio Cultura passando depois pelas rádios Educadora, Uberlândia, e hoje se encontra na América. Ademir Reis, Alcione Alves, Carlos Fernandes também tiveram excelentes programas. Outro programa de sucesso era o do inesquecível Dantas Ruas com “A Crônica que você pediu” da rádio Cultura.

Entre 1966 a 1970 o grande “boom” da época foi o programa apresentado por Paulo Henrique Petri “De olho na turma”. Era um programa que proclamava a juventude uberlandense. Neste programa era lançada a música internacional além de traduzir as letras para o português, fazendo lindos poemas que “apaixonava” a juventude. Foi um sucesso absoluto, inclusive em vendagem de discos, pois ele promovia a música e a pessoa ia à loja para comprar o disco original motivado pela tradução da letra.

O “Placar Discolândia é um sucesso” foi outro programa que fez muito sucesso ficando em evidência por 17 anos. Neste programa foram lançadas músicas que tornaram-se sucessos regionais atingindo uma grande vendagem de discos. “Discolândia aponta o sucesso” que começou em 1965 executava a cada 55 minutos da hora uma música de sucesso ou o lançamento do dia. Era neste programa que eram “fabricados” os sucessos. Segundo Walter Pereira dono da Discolândia:

“Eu fabricava no sentido de colocar a música em evidência, trabalha-la. Afinal tudo o que é bom e bem divulgado se tem qualidade agrada.”

O rock sempre teve boa aceitação em Uberlândia, tanto é que após a primeira vez que Roberto Carlos fez show na cidade e, motivados pelo sucesso de sua apresentação, foi inaugurado em junho de 1966 no Cine Teatro Avenida¹⁸ o programa “Nossa Jovem Guarda”. Com apresentação de Ademir Reis, Paulo Henrique Petri e Jorge Marciano. O programa era transmitido em cadeia local pelas rádios: Cultura e Bela Vista todos os sábados das 14:00 às 16:00. O programa durou de 1966 até 1968.

Era trazido de São Paulo sempre um grande artista que estava em evidência na época como: Wanderley Cardoso, Os Vips, Wandeléia, Erasmo Carlos, Renato & seus Blue Caps, Ronie Von, Martinha e outros mais. Além de abrir espaço para os artistas da região como: The Fantomas, Os Ringos, Os Anjos Negros de Tupaciguara, Os Jovens, As Rebeldes, Nalva Aguiar e Vanusa.

O programa terminou porque o gerente do Cine Avenida resolveu não liberar mais o cinema para realização de shows ao vivo. Do Cine Avenida o programa foi para o Uberlândia Clube. Mas, também não deu certo porque o palco ficava no segundo piso e a “galera” gostava de ficar mais a vontade. Logo em seguida o programa passou a ser transmitido direto do Colégio Liceu de Uberlândia¹⁹, que tinha

¹⁸ O Cine Teatro Avenida ficava onde hoje é o Bingo Bristol na Avenida Afonso Pena.

¹⁹ O Colégio Liceu ficava no local onde é hoje a Caixa Econômica Federal, na Praça Rui Barbosa em frente ao fórum.

um grande e amplo galpão. Foram realizados muitos shows, mas, segundo relatos, não tinha uma boa acústica para transmitir um programa de rádio.

Esta é, em parte, a história musical de Uberlândia. Assim como em outros centros urbanos o rock e seus subgêneros também tiveram grande influência na cidade. A “americanização” da nossa música também teve a sua importância na cidade. A partir do lançamento da pioneira do rock Celly Campelo, Uberlândia também mudaria o seu modo de ser. Largou de ser uma cidade com ares de interiorana para acompanhar a mudança de mentalidade que o rock provocaria principalmente na juventude.

CONCLUSÃO

Ao enfocar a influência estrangeira no Brasil, pude perceber que o rock foi, sem dúvida nenhuma, o gênero que mudou o modo de ser de toda a sociedade, já que ele conseguiu aliar em torno de si, a Indústria Cultural e a de massas. Foi utilizado por vários movimentos que surgiu a partir dele como: as músicas de protesto dos anos 60, o punk do final dos 70, entre outros. O rock também influenciou na moda e foi um grande vendedor de produtos que abasteceram as massas.

No Brasil não foi diferente, pois ele também influenciou diversos cantores e gerações que passaram a adotá-lo como objeto de protesto, principalmente nos anos 70 com Raul Seixas. As baladas, um subgênero do rock, foi o que influenciou alguns cantores nacionais a cantarem em inglês, pois era bem aceito no mercado.

Esse é o poder do rock, derrubar barreira e adaptá-las às suas necessidades, por esse motivo é o gênero dominante do final do século XX e começo do XXI. A sua capacidade de estar sempre se renovando, desde o começo da década de 1950, é sem dúvida impressionante.

Em Uberlândia não foi diferente, assim como no resto do país o rock chegou para ficar. É lógico que nós temos a nossa música regional, assim como nossas próprias características.

Vimos como o rock surgiu e como ele se alastrou pelo mundo, surgiram os ídolos máximos do Movimento como Janis Joplin e Jimmy Hendrix. O rock é pródigo em construir ídolos que são identificados pelas massas, principalmente jovens, como seu legítimo representante. Senão como podemos explicar o seu predomínio sobre os outros gêneros, inclusive sobre a música dita de boa qualidade, a clássica, por exemplo.

Temos que conviver com essa influência da melhor forma possível, não podemos ser radicais, já que os americanos também são grandes consumidores da nossa música, admirando inclusive muitos cantores brasileiros e principalmente a Bossa Nova. Eles também estão sendo invadidos pelos ritmos latinos e caribenhos que estão dominando as paradas de sucesso.

Concluindo, eu acho que não existe lugar para o radicalismo. Assim como não existe uma música que agrade a todos cem por cento, pois o gosto individual sempre vai sobressair sobre todos os aspectos. Como me disseram alguns entrevistados, não existia nada melhor na década de 1970, do que ir a um baile, porque ali era um local de encontro, onde todos os gêneros musicais eram tocados e respeitados. Sem demagogia, do tipo este gênero é melhor do que aquele, ou vice-versa.

Espero que minha pesquisa tenha colaborado para que a discussão prossiga de forma equilibrada, assim como não procurei tomar nenhum partido de gênero musical nenhum.